EDIÇÕES CPAD

ANTONIO TADEU AYRES

COMO TORNAR O ENSINO EFICAZ

Para se ensinar a palavra de Deus, além de vontade, é indispensável também utilizar-se de métodos e técnicas, muitos dos quais foram usados por Jesus.

ANTONIO TADEU AYRES

como tornar o ensino eficaz



EDIÇÕES
CPAD

Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1994 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

Capa: Hudson Silva

370 - Educação

Ayres, Antonio Tadeu,

AYRc Como Tornar o Ensino Eficaz.../Antonio Tadeu Ayres.

l.ed.- Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1994.

p.l 08. cm.14x21

ISBN 85-263-0001-6

1. Educação. 2. Corpo Docente. 3. Discente

CDD

370 - Educação

371

371.1

371.8

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

4ª Edição 1999

Índice

Introdução 5

1. A Missão de Repartir Conhecimentos 9

2. Quatro Perguntas Fundamentais 11

3. O Processo de Comunicação 15

4. O Professor da Escola Dominical e o Processo de Comunicação 19

5. A Empatia 27

6. O que Fazer para Despertar e Manter a Atenção do Aluno 31

7. O que Fazer para se Expressar Melhor 33

8. A Necessidade de Ser Específico 39

9. Métodos de Raciocínio 43

10. As Ilustrações 47

11. A Maneira de Falar 51

12. O Professor e a Motivação de seus Alunos 57

13. Métodos de Exposição 61

14. Métodos de Ensino 65

15. Recursos Instrucionais 75

16. Ajustando o Ensino à Idade do Aluno 79

17. Convite à Reflexão 99

Bibliografia 103

Introdução

A Escola Dominical é uma verdadeira bênção na vida de todos os que aprenderam a amá-la. O testemunho de todos os cristãos, que tiveram o privilégio de freqüentá-lá desde a infância, atesta que ela contribuiu decisivamente para a sua formação moral e espiritual, dando-lhes condições de enfrentar a vida vitoriosamente, mesmo em momentos de grande crise.

O número completo de ocasiões em que os versículos memorizados por aquela cabecinha infantil, vieram trazer alento e vitória para o agora homem ou mulher amadurecidos pelos anos, somente a eternidade revelará.

Muitos são os relatos de doentes em leitos de hospitais, de soldados nos "fronts" de batalhas, de negociantes que enfrentaram situações adversas, e tantos outros que foram beneficiados, salvos, iluminados por uma pequenina porção da Palavra de Deus, que ficou indelevelmente retida na memória, há muitos anos passados, numa aula da Escola Dominical.

No entanto, a despeito de todos esses relatos e do grande contingente de notáveis homens públicos e de profissionais de todas as áreas do conhecimento humano, que tiveram, ou que têm suas vidas pautadas por um padrão de conduta exemplar, *porque um dia foram alunos da Escola Dominical*, ainda existe um certo número de pessoas (membros de igrejas evangélicas) que não freqüentam as suas aulas.

Obviamente, diante das evidências aqui mencionadas, e de outras, conhecidas de todos os verdadeiros cristãos, surge uma pergunta, que é, no mínimo, inquietante: *Por que esse fato acontece?*

Se sabemos que a experiência religiosa, tanto quanto a perniciosa, enraíza-se no caráter das crianças; se sabemos que os cristãos mais produtivos, os pregadores mais abençoados e os crentes com maiores conhecimentos bíblicos são oriundos das classes da Escola Dominical, qual será o motivo, então, por que alguns a negligenciam?

Uma porção de motivos poderá ser oferecida como resposta a essas questões, e que variarão desde a inadequação do horário, a precariedade das instalações (que são de natureza mais genérica), até considerações mais

subjetivas tais como a não apreciação do comentarista, a pouca ou muita profundidade do comentário, e assim por diante.

Existe, porém, um motivo que sempre tem sido apresentado, e que, de fato, consideramos de uma relevância muito grande, maior até do que todos os outros, e que se traduz pelo desempenho deficiente do professor.

Ainda que, como vimos, muitos fatores possam ser evocados como "desculpa" para não se freqüentar a Escola Dominical, a própria experiência se encarrega de demonstrar que o fraco desempenho de alguns de seus professores constitui motivo preponderante pela baixa motivação de suas aulas.

Evidentemente, o Espírito Santo é o maior capacitador do obreiro cristão, e o professor da Escola Dominical não é exceção. Ele precisa, como qualquer outro, da orientação de Deus para o seu trabalho. Isso não invalida, contudo, a necessidade que tem de aperfeiçoar-se no que estiver a seu alcance, no sentido de melhorar o seu desempenho.

Devemos sempre nos lembrar de que Jesus, em Caná da Galiléia, antes de transformar água em vinho, mandou que os serventes enchessem as talhas. Em Betânia, antes que Ele ressuscitasse Lázaro, ordenou que tirassem a pedra do sepulcro.

Imaginamos que em nossos dias não seja diferente. Ainda é exigido de nós que "enchamos as talhas" e "tiremos as pedras". Isso faz parte da nossa responsabilidade. Se nos desincumbirmos bem dela, o Senhor fará, então, a sua parte, realizando o milagre.

Se o professor da Escola Dominical procurar se aperfeiçoar, adestrando-se para a realização de sua tarefa, certamente o Senhor da Ceifa o abençoará grandemente com um frutífero ministério de ensino, sob a orientação de seu Espírito Santo.

Nosso desejo, ao escrevermos esse pequeno trabalho, é o de oferecer uma contribuição para que, aqueles que têm responsabilidade no ensino da Escola Dominical, ou se sentem chamados para esse ministério, tenham uma oportunidade a mais na tarefa de encher suas talhas e de rolar suas pedras, a fim de que, a trinta, a sessenta ou a cem por um, vejam a multiplicação do número de seus alunos, em suas classes.

O Autor

1
A Missão de Repartir Conhecimentos

Certa ocasião, passamos alguns dias participando das reuniões de uma grande igreja, no Sul do Brasil. Tivemos oportunidade de tomar parte também, como visitante, das aulas da Escola Dominical, ocasião em que tomamos conhecimento de um fato bastante inusitado. A classe de determinado professor era muito maior que as demais. Por mais que fizessem esforços no sentido de diminuir o seu tamanho, os alunos resistiam à idéia de ir para outras classes. Queriam mesmo era permanecer como alunos do citado professor.

Perguntamos ao irmão que nos hospedava em sua casa, e que era membro daquela igreja, qual era o motivo que levava aqueles irmãos a se comportarem assim. Sua resposta foi esclarecedora:

"Irmão, nunca vi um professor igual àquele. Quando ele está explicando a lição, ninguém consegue deixar de prestar atenção. Ele ensina de uma maneira que é impossível deixar de aprender!"

Esse fato ilustra bem uma realidade que é deveras importante: a missão de ensinar envolve não apenas a mente, o intelecto, mas também o coração. Se o coração do professor estiver envolvido, ele certamente levará a cabo o seu trabalho como MISSÃO mesmo. Ensinará com alegria, com dedicação e com entusiasmo, e os alunos sentirão isso. Como resultado, reagirão favorável- mente.

Entretanto, uma missão não pode ser cumprida sem o devido preparo. É preciso que haja comprometimento em realizá-la da melhor maneira possível e, para isso, é necessário treinamento, aquisição de conhecimentos e experiências, por parte do professor.

O professor que ensina com o coração, que de fato ama o seu trabalho, sabe que ENSINAR É REPARTIR CONHECIMENTOS . No entanto, tem consciência de que é de importância fundamental saber

COMO repartir esses conhecimentos, o que equivale, entre outras coisas, a levar em conta as pessoas que serão destinatárias de seu ensino e predispô-las a aceitar e reter as verdades ensinadas.

Nos capítulos que se sucedem, abordaremos assuntos que consideramos de grande valia para ajudar cada professor nessa tão difícil, mas também tão nobre missão de repartir conhecimentos.

2
Quatro Perguntas Fundamentais

Geralmente, quando se reflete sobre o ensino e suas implicações, pedagogicamente, costuma-se fazer seis ou sete perguntas. Entretanto, para o propósito que temos em mente, faremos apenas as quatro que se seguem, as quais julgamos fundamentais:

1. Por que eu Ensino?

Essa é uma pergunta que todo professor da Escola Dominical, ou que aspira sê-lo, precisa fazer. Ela leva à uma reflexão, a uma auto-análise esclarecedora, pois, com toda a certeza, desencadeará outras.

"Ensino eu, por que há falta de professores?"; "Ensino, por que o pastor me nomeou professor e eu não quis desagradá-lo?"; "Ensino, por que é minha obrigação?"; "Ensino por que desejo ocupar um cargo na igreja?"

"Ou será que ensino, por que desejo repartir os talentos que o Senhor me confiou, e por que ardem em meu coração as palavras do Senhor Jesus: "Portanto, ide, ensinai...!" (Mt 28.19)?

A motivação existente no coração do professor está diretamente associada ao seu comportamento perante seus alunos, ao modo como prepara suas lições, ao seu relacionamento com os colegas, à fidelidade de sua missão e ao êxito que possa ter no exercício de seu ministério.

A tarefa do professor da Escola Dominical, muito mais do que aquela que é desenvolvida pelos que trabalham nas escolas seculares, está ligada à educação. O professor da Escola Dominical é mais um educador do que propriamente um professor. A diferença entre os dois é que o educador *sabe que tem uma missão a cumprir*.

Evidentemente que, como também acontece no ensino secular, existem muitos professores que são também educadores. Entretanto, tal fato

na Escola Dominical não deve ser uma possibilidade. Deve ser uma *condição*.

Para cumprir sua missão, cada professor precisa conscientizar-se de que sua tarefa é bem mais ampla do que possa imaginar. Deve saber que estará ensinando durante sete dias da semana, através de seu exemplo pessoal. Aquilo que disser aos seus alunos no sétimo dia deve condizer com o que viveu durante os seis primeiros.

De outra forma, sua aula correrá o risco de se assemelhar ao movimento de uma máquina de moer café, sem o referido grão. Fará muito barulho, mas não haverá pó algum saindo pelo tubo, pois não há produto para ser triturado.

A missão de ensinar exige abnegação, carinho, cuidado, preparo e, principalmente, amor. Que cada professor, com a ajuda do Senhor, possa cuidar para não ser apenas "como o metal que soa ou como o címbalo que retine" (1 Co 13.1).

2. O que Ensinarei?

Para o professor da Escola Dominical não pode haver outra resposta senão: "Ensinarei a Bíblia, a Palavra de Deus". Naturalmente que a aula deverá ser enriquecida com exemplos, ilustrações, comparações, etc., que a tornem dinâmica e interessante. O professor deverá também estar familiarizado com a história, a geografia e os costumes dos tempos bíblicos; mas a essência, o resultado último visado, deve ser o ensino da Palavra de Deus pois é Ela o rio cristalino que irriga as mentes adormecidas na ignorância transformando a vida do ser humano em correntes de águas fluidas, aptas também a levar a semente do Evangelho ao mundo.

"Não é a minha palavra como fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiúça a pedra?" (Jr 23.29).

O professor da Escola Dominical deve estar consciente de que a matéria que ministra é a mais sublime que existe. Enquanto as matérias seculares, conquanto importantes e necessárias para o desenvolvimento intelectual, estão restritas à existência neste mundo, a Bíblia Sagrada transcende esta vida e desvenda, para o homem, o plano da salvação e o destino eterno de sua alma.

Ensinar a Bíblia constitui, portanto, mais do que um dever; é um privilégio confiado, de maneira toda especial, ao professor da Escola Dominical.

3. Como Ensinarei?

Eis aqui uma pergunta que merece toda a atenção por parte do professor da Escola Dominical.

Já vimos que, para ocorrer o aprendizado, é necessário que a mente do aluno esteja predisposta a aprender. O ser humano é dotado de cinco sentidos naturais: visão, audição, tato, olfato e paladar. O professor deve perceber quais desses sentidos recebem e retêm melhor (em função das circunstâncias) as verdades ensinadas, e como fazer para atingi-los, em benefício da aprendizagem.

Há professores que não ensinam, mas, virtualmente, apenas falam em frente a grupo de alunos. Suas classes, como conseqüência, ao invés de crescer, diminuem.

É de importância fundamental estar consciente de que, no "COMO ENSINAR", se incluem, antes de mais nada, a oração, o preparo cuidadoso da lição e o cultivo de uma íntima comunhão com Deus, através de sua Palavra.

Todavia, o professor precisa conhecer as diversas maneiras de ensinar e como fazer uso delas, levando em conta os diversos fatores ligados ao processo de comunicação humana.

No "COMO ENSINAR", é de relevância também considerar qual a postura ou o papel que se assume perante os alunos. Uma postura arrogante influirá negativamente no ensino; uma postura amigável influirá positivamente, e assim por diante.

Relevantes também, são fatores tais como: eloqüência, entusiasmo, desprendimento e outros, alguns dos quais estudaremos em capítulos subseqüentes.

4. A quem Ensinarei?

Em Deuteronômio 31.12 encontramos estas palavras: "Congregai o povo, homens, mulheres e pequeninos, e os estrangeiros que estão dentro de vossas portas, para que ouçam e aprendam, e temam ao Senhor vosso Deus, e tenham cuidado de cumprir todas as palavras desta lei".

O professor deve ter em mente QUEM será o alvo de seus ensinamentos . A responsabilidade de Deus, dada aos israelitas, envolvia ensinar homens, mulheres, pequeninos e estrangeiros. A responsabilidade

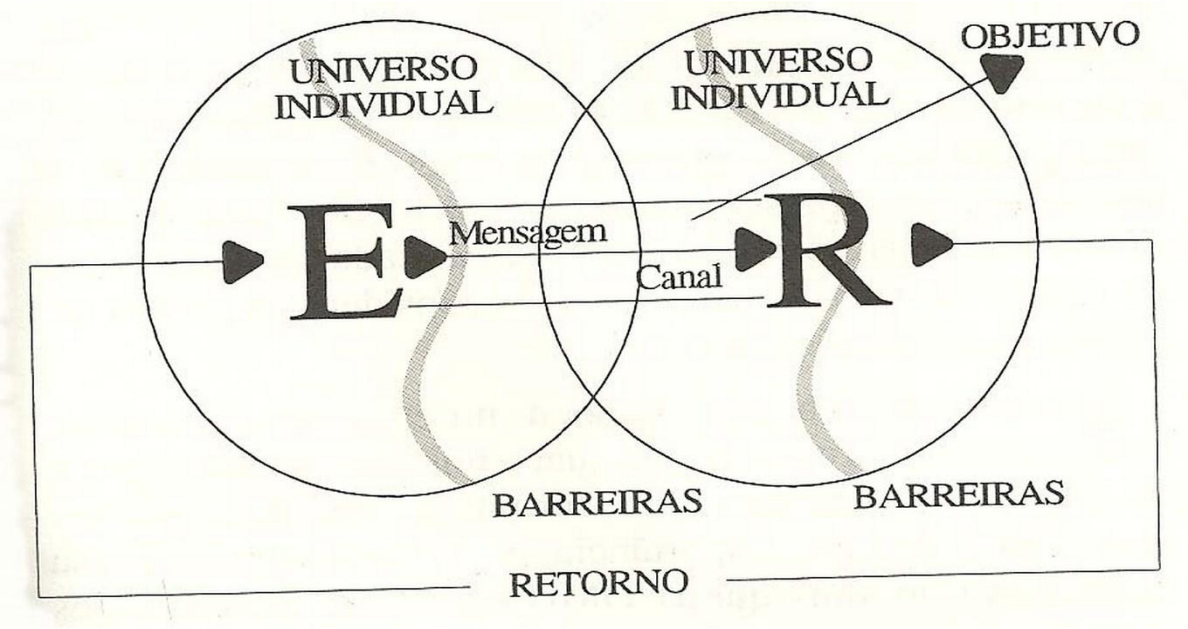
do professor da Escola Dominical envolve também conhecer QUEM são seus alunos.

São crianças? São adultos? São jovens? Cada grupo tem suas características e interesses particulares e quem os ensina deve estar adestrado para a sua situação específica. Isso será de enorme valia no êxito de seus ensinamentos.

3
O Processo de Comunicação

Alguns professores não são bem sucedidos, porque negligenciam as regras básicas do PROCESSO DE COMUNICAÇÃO. Vejamos, então, como a comunicação se processa, para que possamos entender as suas regras.

Considere o esquema abaixo:



A letra "E" representa o EMISSOR, ou seja: a pessoa que emite, que dá origem à comunicação. No caso da Escola Dominical, o emissor é o próprio professor.

A letra "R" representa o RECEPTOR, ou seja: a pessoa ou pessoas que recebem aquilo que foi comunicado pelo emissor. No nosso caso, são os alunos da Escola Dominical.

A seta que liga o emissor ao receptor representa a MENSAGEM comunicada. No nosso caso, ela corresponde à aula ministrada pelo professor.

Você observou que existe uma outra seta, menor, que representa o OBJETIVO da mensagem? Isso quer dizer, no caso da Escola Dominical, que o professor tem alvos a ser atingidos com o seu ensino. Atingi-los é fundamental para o resultado final de seu trabalho.

A seta que representa a mensagem está desenhada dentro de um espaço que representa o CANAL, do qual o emissor se utilizará para fazer chegar sua mensagem até o receptor. No nosso caso, o professor poderá usar o canal verbal, ou seja, a voz (obrigatoriamente) e o canal visual, se usar algum cartaz, quadro-de-giz, etc.

Os círculos desenhados ao redor do emissor e do receptor representamos UNIVERSOS INDIVIDUAIS de cada um, ou seja, as características pessoais, o nível de escolaridade, o temperamento, a personalidade, a maneira de pensar e todas as outras informações que possam situar cada um, em relação ao outro. No nosso caso, temos de considerar a pessoa do professor e os alunos de sua classe.

E importante observar também no esquema, que existe uma área entre os círculos, na qual o universo do emissor e o do receptor se interpenetram, formando uma parte em comum. Isso é de suma importância, pois é precisamente nessa área comum aos dois, que a COMUNICAÇÃO tem melhores chances de se tornar efetiva.

Vamos exemplificar: O fato de o professor e seus alunos serem crentes e "falarem a mesma língua" determina uma área comum entre eles, na qual a comunicação ocorre facilmente.

Partindo do receptor, contornando por baixo o esquema, existe uma outra seta, ligando o receptor ao emissor, a qual representa o RETORNO, porque ela simboliza o "tipo de reação" que o receptor está tendo em relação à mensagem do emissor. Na Escola Dominical, esse retorno representa a atitude interessada ou desinteressada dos alunos para com o professor e sua aula.

O professor deve estar atento ao retorno de seus alunos, pois isso lhe será de grande valia para saber se a aula está atingindo ou não os objetivos propostos, e se a maneira de conduzi-la está agradando ou não.

E, finalmente, cruzando os dois círculos que representam os universos individuais do emissor e do receptor, observamos linhas sinuosas que simbolizam as BARREIRAS à comunicação.

Essas barreiras constituem entraves à comunicação eficiente e podem ser, tanto do emissor, quanto do receptor. Um professor que fala baixo demais oferece uma barreira à comunicação; um aluno que fala alto demais constitui uma barreira ao grupo, como um todo.

Vícios de linguagem, gestos exagerados, roupas extravagantes, etc., podem constituir barreiras à comunicação.

4
O Professor de Escola Dominical e o Processo de Comunicação

Dada a importância que o assunto tem, no sentido de poder oferecer condições para que o professor da Escola Dominical melhore o seu desempenho, será útil considerar um pouco mais cada um dos elementos que compõem o Processo de Comunicação.

1. O Emissor

Na Escola Dominical, o professor é o emissor. E importante, para uma auto-avaliação, refletir um pouco sobre o tipo de emissor que você tem sido. Como tem determinado suas mensagens? Está baseado mais na sua própria pessoa ou tem se preocupado mais com os seus alunos? Tem sempre em mente os objetivos da lição ou nunca consegue atingi-los, por causa dos assuntos paralelos que costuma trazer à baila?

A resposta franca e honesta a cada uma dessas questões pode lançar luz sobre o desempenho de cada um, como professor.

2. O Receptor

O *receptor*, como vimos, no nosso caso são receptores, ou seja, os alunos que compõem as classes da Escola Dominical. Eles são a peça fundamental na aula do professor, porque são eles que DETERMINAM o teor. a forma e o tipo da mensagem a ser transmitida. O professor que desconsidera os seus receptores (como pensam, sentem, reagem, gostam de ser tratados, etc.) comete um grave equívoco.

Essa é a muitas de muitas classes de Escolas Dominicais terem minguado e ficado reduzidas a dois ou três alunos, pois o professor simplesmente punha-se a falar perante seus ouvintes, completamente alheio ao fato de serem eles jovens ou velhos, homens ou mulheres, camponeses ou homens de negócio, e assim por diante. É bom atentar para essa realidade, pois esta na correta adequação da mensagem ao receptor, o êxito ou o fracasso da comunicação.

3. A Mensagem

Como já vimos, quem DETERMINA o gabarito da mensagem é o *receptor*. Essa é uma lei áurea em comunicação humana. O bom comunicador tem que ter em mente quais são as pessoas que constituem seu público e PARA ELAS direciona sua MENSAGEM, considerando, entre outras coisas, sua idade, interesse, profissão e capacidade de compreensão.

Ouça o que diz C. H. Spurgeon, considerado o príncipe dos pregadores, sobre o assunto:

"O pregador que se dirigir a seus ouvintes com bom grau de instrução em linguagem que usaria para falar a um grupo de feirantes, se mostraria louco. Por outro lado, aquele que se põe entre mineiros e carvoeiros, empregando expressões técnicas da Teologia e frases próprias das salas de recepção, age como idiota" (SPURGEON, Lições Aos Meus Alunos, vol. I, pg. 34).

O professor da Escola Dominical deve tomar todo o cuidado para não incorrer no mesmo erro. E de importância fundamental que a aula seja ministrada no nível dos alunos; nem mais alto, nem mais baixo.

Ele não pode falar a crianças como falaria aos jovens, e não pode falar aos jovens da mesma maneira que falaria aos idosos. A mensagem deve ser especialmente dirigida, com clareza, àquele grupo específico que constitui os seus receptores (alunos).

Houve um tempo em que a igreja romana perdeu muitos de seus freqüentadores, porque os sacerdotes atingiam, com seus sermões elevados, apenas o prefeito, o juiz de direito e outras pessoas importantes da comunidade. O povo, que voltava para casa sem nada entender, não tinha motivação para voltar no domingo seguinte.

Todo esforço deve ser feito para que semelhante erro não seja cometido no meio evangélico, principalmente na Escola Dominical.

O mesmo Spurgeon, já citado, é o autor da seguinte observação:

"Quando um homem não me faz entender o que quer dizer é porque nem ele mesmo sabe o que quer dizer. O ouvinte mediano, incapaz de seguir o curso de pensamento do pregador, não devia ficar aborrecido consigo, mas censurar o pregador, cuja obrigação é apresentar o assunto com clareza." (SPURGEON, idem, pg. 32)

O professor da Escola Dominical precisa entender de fato, que sua função, conquanto na forma seja diferente, tem o mesmo objetivo da pregação, pois também constitui ensino da Palavra de Deus. Deve, portanto, preparar suas aulas (mensagens) com todo cuidado e clareza, nunca perdendo de vista que elas serão destinadas àquele seu grupo específico de alunos, e, portanto, devem estar no nível e de acordo com a necessidade DELES.

O cuidado no preparo das lições, considerando-se todos esses aspectos mencionados, habilitará o professor a levar uma MENSAGEM clara, objetiva e eficiente aos seus receptores.

4. O Objetivo

Toda lição da Escola Dominical possui objetivos a serem atingidos. Eles constituem a própria essência do ensino a ser ministrado. Existem professores que, ao término das lições, deixam seus alunos frustrados, os quais, consciente ou inconscientemente. sentem que os objetivos da lição "não eram bem aqueles". No ensino secular, quando isso acontece, os alunos dizem que "entraram em sala errada".

Esse tipo de erro na comunicação deve merecer todo o empenho, por parte do professor, para que seja eliminado. Alguns professores são pródigos em fazer digressões, afastando-se dos objetivos da lição, Uns o fazem por hábito; outros, por sentirem dificuldade em abordar o assunto a ser tratado. Em ambos os casos o resultado costuma ser o mesmo: acabam dando uma aula diferente daquela proposta pelos objetivos da lição.

Cada professor deve lembrar que o estudo prévio da lição levado a sério, a persistência em compreender os pontos mais difíceis, a consulta a material adicional, como dicionários, enciclopédias, etc., são peças fundamentais para o seu perfeito preparo em ministrar a lição.

Dessa forma, ele estará capacitado para abordar cada tópico da lição e dessa maneira atingir com eficiência os objetivos propostos. Os

OBJETIVOS da mensagem a ser comunicada estão para o professor, assim como os fios do trolebus (ônibus elétrico) estão para o seu condutor.

Ainda que o motorista do trolebus quisesse, ele não poderia mudar o seu itinerário. Ele só pode conduzir o ônibus por onde existem os fios de alimentação. E, ao fazer isso, estará conduzindo o ônibus do ponto inicial até o ponto final. Ao chegar no ponto final, ele atingiu o seu *objetivo*.

Mesmo que. durante o percurso, ele tenha uma certa liberdade em desviar o ônibus mais para a direita ou mais para a esquerda, em função das necessidades de momento, os "suspensórios" estarão sempre presos lá nos fios, porque, se se soltarem, o ônibus irá parar.

O professor também, conquanto possa enriquecer sua lição com comentários adicionais aqui e ali no transcorrer da aula, deve ter em mente que precisa manter-se ligado "aos fios" de seus objetivos, pois, de outra maneira, eles não serão atingidos.

5. O Canal

A escolha do canal mais adequado à comunicação, de modo algum pode ser desconsiderada pelo professor. A título de exemplo, suponha que você tenha de dar um recado a um amigo que resida do outro lado da cidade. Dependendo do tipo de recado, da urgência, enfim, da importância que tiver, você terá de optar entre: dar um telefonema, mandar um telegrama, escrever uma carta, enviar um mensageiro ou ir pessoalmente até o seu amigo, e dar-lhe o recado. O grau de importância do objetivo de seu recado é que determinará o meio que você empregará para dá-lo.

O mesmo raciocínio deve ser feito em relação à escolha do canal, por parte do professor. Existem lições que podem ser ministradas utilizando-se apenas a exposição oral (canal verbal). Outras, entretanto, devido a natureza de seus objetivos, exigem, para a perfeita compreensão, o emprego de mapas, cartazes, esquemas, etc., ou seja, o emprego auxiliar do canal visual

A utilização de figuras coloridas e do flanelógrafo para o ensino das crianças, aliada à dramatização da lição, constitue um exemplo de como a escolha adequada do CANAL ou dos CANAIS influi no aprendizado dos alunos.

6. O Universo Individual

Levando sempre em conta o seu próprio universo pessoal, o professor da Escola Dominical necessita ter em mente que conhecer o universo individual de seus alunos é um imperativo, se quiser ser feliz em suas exposições.

Embora as classes da Escola Dominical estejam divididas por faixas etárias, cada aluno dentro do grupo é uma pessoa diferente de todas as demais. Tem seu próprio nome, nasceu de determinada família, foi educado de determinada maneira, cresceu em determinada localidade (área urbana, suburbana ou rural); enfim, foi SOCIALIZADO de maneira diferente. Isso o torna único, entre todos os outros.

O bom professor lança mão desse conhecimento de seus alunos e utiliza ilustrações e exemplos que atingem profundamente suas mentes e corações, tornando o ensino muito mais eficaz. Os evangelhos estão repletos de exemplos de como o Senhor Jesus utilizava esse recurso em seus ensinos, dos quais sobressaem particularmente as parábolas, sempre repletas de elementos que faziam parte da vida cotidiana de seus ouvintes.

Se fizermos uma pequena análise de como Jesus se comunicava, veremos que Ele falava com as pessoas, levando em conta o universo individual delas. Foram distintas as maneiras de como Ele se dirigiu a Nicodemos (João 3.1-12); à mulher samaritana (João 4.1-26); à mulher cananéia (Mateus 15.21- 28) ou a Zaqueu (Lucas 19.1-10). O professor que proceder de maneira semelhante será bem-aventurado em seu ensino.

Uma aula, independentemente do assunto de que trata, sempre será mais agradável e despertará maior interesse, se a pessoa que a ministra utilizar-se de palavras e fatos que fazem parte da experiência dos alunos. Conforme já tivemos oportunidade de estudar, é no ENTRELAÇAMENTO, ou na interpenetração entre o universo individual do professor e os universos individuais de seus alunos, que a comunicação tem as melhores chances de se efetivar.

7. O Retorno

O retorno é, em última análise, a reação ou o conjunto de reações que os alunos têm para com a aula que lhes é ministrada. E um recurso valiosíssimo para a ORIENTAÇ AO ou o MONITORAMENTO do professor, durante a sua expo¬sição. Pode variar desde o mais vivo interesse até a mais completa apatia.

A sua importância está no fato de que, através dele, o professor "sente" se está indo bem ou mal na condução de sua aula. A propósito do

assunto, veja o comentário de Spurgeon, quando ensinava seus alunos em uma de suas preleções sobre "as qualificações oratórias do pregador":

"Há colegas de ministério que pregam de modo intolerável: ou nos provocam raiva, ou nos dão sono. Nenhum anestésico pode igualar-se a alguns discursos nas propriedades soníferas. Nenhum ser humano que não seja dotado de infinita paciência poderia suportar ouvi-los, e bem faz a natureza em libertá-lo por meio do sono." (SPURGEON, Lições Aos Meus Alunos, Vol. I, pg. 32)

Certamente o leitor terá se lembrado de alguém com as mesmas "virtudes" a que se referia Spurgeon, e que soam como uma advertência ao professor da Escola Dominical. Muitas classes estão literalmente "minguando", porque seus professores nunca consideram os retornos que seus alunos lhes dão.

Sinais de impaciência, bocejos, cochilos ou olhadelas furtivas para o relógio são sinais evidentes de que a aula deve ser, ou imediatamente reformulada (através de mudança da abordagem, velocidade e altura de voz, etc.), ou interrompida de vez. Às vezes, é melhor dar uma aula de quinze minutos, a qual todos ouçam e aprendam, do que uma aula de duas horas, em que ninguém mais presta atenção em nada.

A aula existe em função dos alunos e por isso eles são o referencial mais importante na tarefa do ensinar. Estar atento ao retorno deles é, no mínimo, considerá-los dignos de atenção. O professor que assim o fizer, obterá muito mais êxito em sua missão.

8. As Barreiras à Comunicação

As barreiras são obstáculos (físicos ou psicológicos) que se interpõem na comunicação, reduzindo sua eficácia. Elas podem ser tanto do emissor\ quanto do receptor.

Um ruído muito alto, um objeto que cai ao chão, uma sala escura demais, etc., são exemplos de barreiras físicas que podem interferir tanto no professor, como nos alunos, prejudicando a exposição.

Falar alto ou baixo demais, adotar posturas exageradas, ficar colocando e tirando as mãos nos bolsos a todo momento, usar roupas extravagantes, repetir palavras tipo: "tá", "né", "correto", etc., a todo instante, constituem outros "bons exemplos" de barreiras que o professor precisa evitar.

Barreiras psicológicas são geralmente representadas por preconceitos que o professor ou os alunos possam ter. Um professor acostumado a ensinar alunos de bom nível sócio-econômico poderá, consciente ou inconscien- temente, demonstrar preconceito ao ser designado para ensinar alunos de favela. Alunos há longo tempo acostumados com determinado professor poderão demonstrar hostilidade para com um substituto, e assim por diante.

O importante, nesta questão das barreiras, é estar consciente de que elas são OBSTÁCULOS À COMUNICAÇÃO e que, portanto, devem ser derribadas, a fim de que as aulas possam ser sempre fluidas e eficientes.

Finalizando este pequeno estudo sobre o processo de comunicação, cremos que o leitor percebeu a existência de uma grande distância entre SABER e SABER EXPOR. A tarefa de ensinar, que num primeiro instante parece fácil, revela, numa análise um pouco mais cuidadosa, uma série de meandros e implicações que constituem empecilhos a aventureiros. Cabe a cada professor de responsabilidade afiar suas ferramentas e aprimorar-se mais e mais, para melhor cumprir sua missão.

"Procura apresentar-te a Deus. aprovado..." (2 Tm 2.15), nos parece ser um bom lema para todo professor da Escola Dominical, particularmente no que se refere ao manejo da Palavra e à comunicação, de modo geral.

5
A Empatia

A palavra EMPATIA é definida pelo dicionário Aurélio como: "tendência para sentir o que sentiria caso se estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa".

A palavra-chave da definição é sentir. Não basta apenas entender, compreender superficialmente. E preciso de fato sentirmos o que sente a outra pessoa, colocando-nos em seu lugar, para que a possamos compreender, por completo. Vamos exemplificar:

Suponha que você está há meia hora na fila do banco. A fila não anda, as pessoas reclamam e destilam pelos poros sua irritação. Você também está irritado, pois, ao sair do banco, tem de cumprir ainda dois ou três compromissos, antes da hora do almoço.

Finalmente, após mais 10 ou 15 minutos de espera, você está prestes a ser atendido. De repente, olha para trás e enxerga, quase no final da fila, com ar resignado e cansado, uma senhora grávida. Ao seu lado, duas outras crianças pequenas choramingam e exigem, a todo momento, a atenção da mãe. Você olha para o relógio e percebe que, se demorar apenas mais um pouquinho, perderá o primeiro compromisso.

Você olha novamente para a mulher e começa a imaginar o drama dela. Neste momento, você está, na verdade, começando a empatizar-se com ela, pois imagina o que ela deve estar SENTINDO. Isso o leva a compreender, de fato, aquela senhora.

Você solicita autorização às pessoas a sua retaguarda, pede desculpas e cede a ela a sua vez de ser atendido. Pouco depois ela sai, imensamente agradecida pela sua compreensão. O primeiro compromisso já está perdido, mas você está feliz e se pergunta por que agiu assim.

A resposta é simples: Você empatizou-se com aquela senhora. Colocou-se no lugar dela e SENTIU o seu problema. Isso não somente possibilitou que você a entendesse como também o motivou a ajudá-la.

A capacidade de praticar a empatia é uma das virtudes mais abençoadas que pode ter o professor da Escola Dominical, pois, através dela, ele pode realmente compreender muito melhor os seus alunos, colocando-se no lugar deles, sempre que for necessário.

O professor que desenvolve a capacidade de empatizar-se com seus alunos pode facilmente sentir o universo individual de cada um deles, passando a compreender suas virtudes e dificuldades muito melhor.

Isso o tornará mais tolerante e amoroso e renderá, sem dúvida, muitos dividendos traduzidos em carinho e afeição, por parte deles.

Não foi por acaso que, na parábola de Jesus, o sacerdote e o levita passaram longe daquele homem ferido por salteadores, na estrada de Jerico (Lucas 10.3-37). Eles eram egoístas demais para praticar a empatia. O samaritano, porém, "...vendo-o, moveu-se de íntima compaixão" (Lc 10.33), isto é, sentiu a situação de extrema necessidade daquele homem, empatizou-se com ele, e lhe deu toda a ajuda necessária.

O professor que aprendeu a praticar a empatia com seus alunos, também é capaz de "mover-se de íntima compaixão" pela necessidade que eles têm de aprender os preciosos ensinamentos da Palavra de Deus. Uma aula ministrada de maneira empática será uma aula sensivelmente melhor conduzida.

Todo ser humano possui uma necessidade básica de ser compreendido, quer esteja no papel de pai, filho, marido, operário, patrão ou qualquer outro. Essa necessidade de compreensão, em função das próprias circunstâncias que envolvem o processo de ensino, é evidente no que diz respeito à relação professor-aluno.

Suprir essa necessidade e efetivamente melhorar essa relação é responsabilidade do professor, Isso ele só consegui¬rá se praticar a EMPATIA.

6
O que Fazer para Despertar e Manter a Atenção do Aluno

Um problema que deveria inquietar todos os professores de Escola Dominical é: por que os alunos deixam de prestar atenção às suas aulas? O condicional deveria foi intencionalmente empregado, pois, infelizmente, parece que muitos não se incomodam com esse fato.

Entretanto, todo professor consciente sabe que despertar e manter a atenção é condição indispensável para o aprendizado de seus alunos. O que fazer, então, para se conseguir isso?

Em primeiro lugar, o professor deve observar todas as regras do processo de comunicação. Se fizer isso, boa parte das dificuldades em relação ao problema estará solucionada.

Em segundo lugar, deverá praticar a empatia em relação a seus alunos. Na verdade uma coisa está ligada à outra. É quase impossível ministrar uma aula observando as regras do processo de comunicação, sem praticar a empatia.

Em terceiro lugar, o professor deve demonstrar honestidade, segurança e domínio do assunto. Por uma questão de ordem psicológica, os alunos tenderão anão se interessar por um assunto, se o professor que o está ensinando, não demonstrar essas qualidades.

Em quarto lugar. os alunos prestarão atenção à aula se sentirem que ela interessa a eles, pois quando percebem que o conteúdo da lição que irão aprender tem aplicação prática na sua vida espiritual e material, naturalmente ficarão atentos aos ensinamentos que irão receber. Nesse

aspecto, o professor da Escola Dominical é um privilegiado, pois o assunto do qual ele trata é concernente à Palavra de Deus, e esta ocupa um lugar todo especial no coração de seus alunos.

Resta a ele manter os sentidos de seus alunos atentos, observando as recomendações deste capítulo, sem cair na tentação de fazer divagações mentais, estranhas à matéria que estará tratando.

Finalmente, para conseguir despertar e manter a atenção, o professor deve ensinar com o coração. Disse Jesus que "a boca fala do que está cheio o coração" (Mt 12.34). É impossível deixar de notar a diferença entre uma pessoa que faz um trabalho apenas para desincumbir-se dele e uma que o faz com o coração.

O professor que ensina com o coração traduzirá essa atitude na maneira de conduzir a sua aula. Seja ele expansivo ou comedido, suas palavras e expressões faciais hão de ter um calor, uma vibração tal, que mobilizarão a atenção de seus ouvintes.

Como se percebe, a atenção dos alunos para com a aula não é algo a ser exigido. É, muito mais, algo a ser CONQUISTADO pelo professor.

7
O que Fazer para Se Expressar Melhor

Já vimos que para uma boa comunicação há a necessidade de um ajuste, de uma sintonia entre o emissor e o receptor. O professor ajusta a sua aula ao nível dos alunos, para que tenha o seu transcurso normal.

Uma série de fatores, tais como: o conhecimento do processo de comunicação, a empatia, etc., contribuem para que esse ajuste seja adequado. Ele, entretanto, não ocorrerá, se o professor não souber expressar-se apropriadamente.

A dificuldade de expressão tem sido, para muitas pessoas que possuem grande potencial para ensinar, o problema maior. O leitor provavelmente conhece irmãos com notável nível de conhecimentos bíblicos, esforçados e piedosos, os quais teriam todas as condições de atuarem como professores da Escola Dominical, em termos de preparo, não fossem as sérias dificuldades que encontram em expressar-se.

Expressar bem uma idéia consiste em traduzi-la fielmente, através das palavras. São as palavras e as expressões que o professor utiliza que vão corporificando, que dão forma à mensagem, vestindo-a de uma roupagem adequada à compreensão.

A pergunta que naturalmente surge, e se relaciona com o título deste capítulo, é: "O que fazer, então, para adquirir essa capacidade, ou essa habilidade em expressar-se bem?"

A resposta não é tão simples e demandará algum esforço por parte do interessado, pois a solução de um problema como esse não se dá da noite para o dia. E preciso empenho, paciência e, fundamentalmente, a convicção de que algo pode ser feito.

Daremos, a seguir, quatro recomendações que, embora não tenham a pretensão de esgotar o assunto, serão muito úteis no sentido de ajudá-lo a expressar-se melhor:

1. Prefira a Simplicidade

Alguns professores prejudicam sua comunicação, acredi¬tando que devem falar difícil, para impressionar. Tal atitude, além de não ajudar, acaba atrapalhando, pois antipatiza o professor diante de seus alunos, e termina por se constituir numa barreira.

Chame chuva de chuva e orelha de orelha. Não caia na armadilha de pensar que impressionará mais se disser preci¬pitação pluviométrica e pavilhão auricular. Esse tipo de linguagem pode ser bom em outro lugar. Não nas classes da Escola Dominical.

2. Procure Organizar as Idéias

Como pessoas humanas que somos, estamos sempre pensando. O mundo à nossa volta, o ambiente e os estímulos que recebemos de todos os lados influem nas nossas emoções e na nossa maneira de pensar. Os pensamentos pululam em nossa cabeça e as idéias surgem aos borbotões. É preciso, de alguma maneira, discipliná-los.

No preparo de suas lições, o professor deve organizar suas idéias, fazendo uma lista daquelas que considera as principais, ordenando-as na forma de um esboço, de tal maneira que não corra o risco de perder-se em divagações, na hora de ministrar a aula. Todo esforço deve ser feito no sentido de se arrancar as raízes secas de idéias que nada tenham a ver com os propósitos do momento.

O processo de organizar as idéias tem muito em comum com o de se domar um cavalo. Durante o período em que o animal está sendo subjugado, há uma luta tremenda entre ele e o seu domador. e se for excessivamente indócil, poderá levar vantagem por algum tempo, lançando ao chão algumas vezes o cavaleiro.

Quando estiver domado, entretanto, aprenderá a docilidade, e será conduzido por onde desejar a vontade de seu dono.

O professor que se propõe a melhorar a maneira de expressar seus pensamentos também travará uma batalha entre exercer a disciplina, no sentido de preparar-se através de um esboço adequado e ordenado, e o velho hábito do "na hora eu dou um jeito". Durante esse treinamento é

possível até que "leve alguns tombos" que, momentaneamente, o possam desanimar.

Se persistir, entretanto, nesse processo de auto-educação, conseguirá logo ver os primeiros resultados e verá que suas idéias começarão a ser comunicadas com disciplina e ordem. Em breve o progresso será flagrante e aí talvez, até o esboço possa ser dispensado.

3. Aprenda a Pensar Conseqüentemente

Desde os tempos de Aristóteles, o homem tem demonstrado a preocupação de pensar conseqüentemente.

A própria estruturação do chamado *silogismo*[1] nos mostra essa necessidade de se raciocinar conseqüentemente. Vejamos um exemplo de silogismo:

ANTECEDENTE: Todo homem é mortal;
Sócrates é homem;

CONSEQÜENTE: logo, Sócrates é mortal.

Conforme se verifica, as duas proposições (ou premissas) iniciais constituem o ANTECEDENTE da idéia, enquanto a terceira (conclusão), constitui o CONSEQÜENTE.

Pensar conseqüentemente é, pois, estabelecer uma conexão entre as idéias, de tal forma que uma idéia leve à outra e esta outra, por sua vez, apóie-se na anterior, e assim sucessivamente.

Você pode olhar para um borrão de tinta no muro e este sugerir a você a imagem de um navio. Você sabe, entretanto, que aquele borrão não é um navio, porque não existe uma conexão entre o que você vê e a imagem do navio que o borrão sugeriu a você, e o próprio navio.

Entretanto, se você encontrar as cinzas de uma fogueira a caminho de seu trabalho, elas não vão apenas sugerir a você que ali houve fogo. Elas vão SIGNIFICAR que ali houve fogo, de fato. Você sabe que o fogo produz cinzas e, portanto, onde há cinzas ocorreu fogo.

Como você percebe, há a necessidade de se estabelecer elos de causa e efeito na expressão de nossas idéias.

Todo professor consciente sabe que esse tipo de educação do pensamento é uma ferramenta de valor inestimável no preparo e na ministração de suas aulas.

Ainda que ele auxilie suas explicações com cartazes, flanelógrafos, mapas, etc., nunca poderá deixar de usar a linguagem, que é o veículo de transmissão das idéias. Saber fazê-lo de maneira conseqüente, respeitando as naturais dificuldades de cada aluno, é uma bênção que não apenas ele, mas principalmente aqueles a quem ensina, irão desfrutar.

4. Leia Muito

Em 1 Timóteo 4.13. encontramos esta tão conhecida expressão: “Persiste em ler...”

Embora o contexto da passagem nos indique que Paulo se referia à leitura pública das Escrituras, não será prejuízo aplicarmos o conselho de uma forma mais abrangente.

A Bíblia é o Livro dos livros, a Palavra Divina, revelada à humanidade. Nenhum livro do mundo poderia ocupar maior proeminência do que ela, na vida do cristão. "Porque a Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12),

Ler a Bíblia constitui não apenas uma necessidade, mas também uma bênção para todo homem, e principalmente para aquele que se propõe a ensiná-la,

Não seja isso motivo de desculpa, no entanto, para que não se leiam outros livros, pois eles descortinam para nós uma infinidade de horizontes novos, ajudando-nos a expandir nosso universo de conhecimentos. Além disso, o próprio ato da leitura traz-nos uma série de outros benefícios.

Em certo sentido, a língua contribui para a formação do pensamento das pessoas. Ora, se ela é formadora de pensamento, que meio melhor temos nós de entrarmos em contato com ela, senão através dos bons livros?

Quando uma pessoa lê um livro, ela não aprende somente aquilo que o autor está lhe passando, através de suas páginas, e que constitui o seu objetivo. Ela aprende muito mais. Aprende a pensar, a raciocinar, a refletir e a SE EXPRESSAR MELHOR.

Quando entramos em contato com um livro, através de sua leitura, deparamos com os pontos-de-vista do seu autor e concordamos ou discordamos dele.

Entramos em contato com novas palavras, cujos significados aprendemos do contexto, e aumentamos nosso vocabulário. Familiarizamo-nos com as normas gramaticais aplicadas e, embora possamos não saber conceituá-las, passamos a saber utilizá-las, o que é muito melhor.

Você já reparou como certas pessoas têm uma grande facilidade, tanto para escrever, como para falar corretamente?

Faça uma pesquisa e você descobrirá que a maior parte delas lê muito.

O ato de ler, que a princípio parece tão simples (e num certo sentido, realmente o é), envolve muito mais fatores do que aqueles que imaginamos. Esses fatores nos permitem engendrar um verdadeiro processo de *arquitetura mental*, o qual nos adestrará de maneira inestimável, na expressão de nossas idéias.

É por isso que todo professor tem NECESSIDADE de cultivar o hábito da leitura e o professor da Escola Dominical, ainda mais. Leia a Bíblia, pois sem ela todo o resto ficará sem sentido. Mas leia também bons livros que possibilitem o aumento de sua cultura geral, além de trazer todos os demais benefícios, que acabamos de ver.

Existe uma máxima que diz: "O homem que lê vale mais". Permita-nos acrescentar uma outra: "O professor que lê, ensina mais".

Concluindo nosso pensamento a respeito da questão de "expressar-se melhor", que temos abordado no presente capítulo, reiteramos o que já temos afirmado de que tal empreendimento não é tarefa que se faça da noite para o dia.

A observância, entretanto, das quatro recomendações que aqui foram feitas contribuirão grandemente para ajudá-lo a melhor expressar suas idéias.

([1])Silogismo: "dedução formal tal que, postas duas proposições, chamadas premissas, delas se tira uma terceira, nelas logicamente implicada, chamada conclusão" (Dic. AURÉLIO).

8
A Necessidade de Ser Específico

Ninguém ignora que há uma infinidade de maneiras de se dar explicações a respeito de determinado fato, acontecimento, fenômeno, etc. Dentre essas maneiras, se destacam: a *generalização* e a *especificação*.

A generalização, conforme o próprio nome indica, consiste em fornecer explicações "por alto". Quando generalizamos, estamos mais preocupados com a abrangência dos conceitos que emitimos, sem nos preocuparmos com os detalhes, com os pormenores.

Quando afirmo: "As aves voam à baixa altitude", estou, na verdade, generalizando, pois não esclareço QUE TIPO DE AVE; e o que significa BAIXA ALTITUDE (1 metro? 10 metros? 100 metros?).

A especificação, ao contrário, particulariza nossa informa¬ção a respeito de determinado fato, objeto, fenômeno, etc., levando a uma compreensão mais exata a respeito deles.

Ambas as maneiras de se fornecer uma explicação são importantes, conforme estudaremos mais adiante, quando abordarmos o assunto "Métodos de Raciocínio".

Neste capítulo, entretanto, enfatizamos a necessidade de usarmos, para efeito de clareza, a especificação, pois quando somos específicos tornamos o assunto mais concreto, facilitando dessa forma a sua compreensão.

Vamos exemplificar:

Imagine uma sala de aula e o professor comentando com seus alunos sobre uma planta que recebeu como presente, no dia anterior. Se, ao relatar o fato, ele disser, por exemplo, que "ganhou um vegetal", não estará, na verdade, comunicando quase nada.

Os alunos poderão pensar que ele ganhou uma samambaia, um pé-de-alface ou uma goiabeira. Em todas as possibilidades estarão corretos, como também estarão corretos se imaginarem que o professor ganhou uma abobrinha, uma jaca, uma amendoeira e uma infinidade de outras coisas que podem ser colocadas na categoria de "vegetais".

Por que acontece isso? Porque o termo "vegetal" é muito vago, muito genérico e por isso não pode comunicar muita coisa, causando confusão. Tal porém não ocorreria, se ele tivesse dito: "Ontem eu ganhei uma "samambaia", pois o termo "samambaia" elimina todas as outras possibilidades.

Os alunos sabem que o professor não ganhou uma goiabeira, um pimentão ou qualquer outro vegetal. O que ele ganhou foi uma samambaia. A idéia foi comunicada com precisão, porque houve a preocupação, por parte do professor, em especificar.

Isso deve ser feito não apenas com palavras isoladas, mas com toda idéia que se deseja comunicar. Observe as idéias expressas nos dois pares de sentenças abaixo:

1. O metalúrgico comprou uma ferramenta.

2. O torneiro-mecânico comprou um alicate.

1. O profissional de saúde lê um livro.

2. O médico lê a Bíblia.

E evidente, nos dois pares, que as sentenças de número 2 comunicam melhor as idéias do que as de número 1. Tal fato acontece simplesmente porque as de número 2 são mais específicas.

Ninguém precisa exagerar a ponto de reduzir tudo a minúcias, pois a comunicação com excesso de detalhes torna- se prolixa e enfadonha, irritando os ouvintes.

Evitar as generalizações e especificar mais as idéias, no entanto, constitui muitas vezes uma necessidade, pois torna a aula mais concreta, menos abstrata. Isso equivale, na maioria dos casos, a facilitar a aprendizagem.

Conforme explica o professor Othon M. Garcia, "a sabedoria popular traduzida nos provérbios é um exemplo de linguagem concreta, concisa,

freqüentemente metafórica e pitoresca" (GARCIA, Othon M., Comunicação em Prosa Moderna, pgs. 171-172).

E exemplifica, dizendo que a sentença: "onde impera a mediocridade ou a ignorância, os que têm algum merecimento se destacam facilmente" não tem o mesmo vigor nem a mesma concisão do conhecido provérbio "em terra de cego, quem tem um olho é rei" (Idem, pg. 172).

Como "para o bom entendedor, meia palavra basta", ficamos por aqui, em nossas considerações.

9
Métodos
De Raciocínio

Segundo o professor Othon M. Garcia, método (meta = através, odos = caminho) é o caminho através do qual se chega a um fim ou objetivo. (GARCIA. Othon M.? Comunicação em Prosa Moderna, pg. 296).

Raciocinar, por sua vez, é usar da razão para conhecer, para julgar da relação das coisas. Quando raciocinamos, nossa mente envolve-se num ativo processo de reflexão, de análise e julgamento dos fatos, fazendo inferências, chegando a conclusões.

Métodos de raciocínio são, portanto, caminhos de que se utiliza a mente humana para se chegar à verdade.

O professor, dada a própria natureza de sua atividade (está sempre explicando, analisando, exemplificando fatos), deve conhecer os métodos de raciocínio, pois isso lhe será de grande valia na apresentação e eficiência de suas aulas.

Eles são em maior número, porém, devido ao objetivo deste trabalho; consideraremos apenas os dois que julgamos serem os mais relevantes: o *Método Indutivo* ou *Indução*, e o *Método Dedutivo* ou *Dedução*.

Estudemos as características de cada um deles:

1. Método Indutivo

Na *indução*, o professor conduz o seu raciocínio ao explicar a sua aula, *partindo daquilo que é particular*, desenvolvendo a sua argumentação até chegar ao genérico, ao geral. Em outras palavras: ele parte da observação e da análise de fatos conhecidos, específicos, particulares, e

chega à uma *conclusão* (que pode ser uma norma, uma lei, um princípio, etc.) que constitui a generalização.

Vejamos um exemplo prático:

Suponhamos que o professor esteja ministrando uma aula, cujo título seja: A PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO MINISTERIAL. Conduzindo o ensino, ele terá que explicar, agora, o seguinte,16picq,da lição: TODO HOMEM ESCOLHIDO POR DEÚS É PROVADO.

Ele passa, então, a utilizar exemplos bíblicos, conhecidos dos alunos, demonstrando essa realidade: ensina que Abraão, um homem escolhido por Deus, foi provado; que Moisés, José, Elias e Paulo, também escolhidos por Deus, foram provados, e assim por diante.

A seguir, cita as provações de heróis da fé, tais como: Martinho Lutero, João Bunyan, Carlos Finney, Daniel Berg, Gunnar Vingren e outros.

Conclui, em seguida a sua explicação, afirmando que "todo homem escolhido por Deus é provado".

Analisando a explicação do professor veremos que, a partir de exemplos particulares conhecidos (no caso, de homens escolhidos por Deus que foram provados) - Abraão, Moisés, José, Elias, Paulo, Martinho Lutero, João Bunyan, Carlos Finney. Daniel Berg. Gunnar Vingren e outros - ele chegou à generalização: TODO HOMEM ESCOLHIDO POR DEUS É PROVADO.

Ao proceder assim, ele utilizou na verdade, o Método Indutivo, pois direcionou o seu raciocínio do particular para o geral, analisou fatos específicos, particulares e chegou à uma conclusão genérica.

Esse tipo de raciocínio é muito utilizado na vida cotidiana e particularmente apropriado para o ensino de grandes verdades. E preciso, contudo, que se observe o bom senso no seu emprego. Nem sempre a quantidade de fatos é suficiente para levar-nos à uma generalização. E preciso também que se leve em conta a qualidade desses fatos.

2. Método Dedutivo

O Método *Dedutivo* ou *Dedução* consiste em se fazer exatamente o raciocínio inverso ao da *Indução*. Ao invés de partir de fatos particulares para se chegar à generalização, o professor parte da generalização para

chegar a fatos específicos. Enquanto na *Indução* vai-se do particular para o geral; na *Dedução,* ao contrário, vai-se do geral para o particular. Em outras palavras, o raciocínio do *Método Dedutivo* é exatamente o raciocínio do SILOGISMO, já mencionado anteriormente:

"Todos os homens são mortais; Sócrates é homem; Logo, Sócrates é mortal."

Como se vê, a partir da *generalização* contida na premissa maior: "Todo homem é mortal"; utilizando-se do raciocínio da premissa menor: "Sócrates é homem", chega-se à DEDUÇAO de que "Sócrates (um homem específico, entre todos os outros) é mortal". O mecanismo do pensamento, no *Método Dedutivo* é, então, o mesmo mecanismo do *Silogismo*.

Aplicando-se esse raciocínio ao exemplo que demos, no *Método Indutivo*, o professor, ao desenvolver sua explicação, poderia colocar as idéias, da seguinte maneira:

"Todo homem de Deus é provado;

Moisés foi um homem de Deus;

Logo, Moisés foi provado."

(Obs.: Evidentemente, no lugar de Moisés, pode-se colo¬car Abraão, José, Elias ou qualquer um dos outros).

O cuidado que se deve ter quando se utiliza esse método, é o de não estabelecer como premissas, proposições falsas, pois isso levaria a DEDUÇÕES FALSAS ou ABSURDAS.

Veja o exemplo:

"Todos os rios nascem no mar;

O rio Amazonas é um rio;

Logo, o rio Amazonas nasce no mar."

O raciocínio está correto, mas a premissa é falsa, porque nenhum rio nasce no mar. A Dedução, logicamente, resultou falsa. O Método Dedutivo, para ser empregado com eficiên¬cia, deve, portanto, estar fundamentado na exatidão das premissas.

Conclusão

Na linguagem comum, método é a melhor maneira de se fazer alguma coisa. Quando alguém realiza algum trabalho de qualquer forma, sem utilizar ferramentas adequadas, sem fixar nenhum critério, dizemos que ele não teve método. Nesse caso, geralmente, há ineficiência, entraves, desperdício de tempo e de energia.

No presente capítulo, falamos sobre Métodos de Raciocínio. Ainda abordaremos, neste trabalho, Métodos de Exposição e de Ensino. Nosso objetivo, com isso, não é tornar "metódica" toda a atividade do professor. O propósito que temos em vista é tão-somente dar uma idéia de que o trabalho de ensinar pode ser levado a um padrão de eficiência muito bom, se o professor se equipar com esses instrumentos de ensino.

Cremos que os alunos da Escola Dominical merecem isso. Cremos. principalmente, que o nosso divino Mestre se agrada, quando procuramos nos adestrar para a realização da sua obra.

10
As Ilustrações

Embora o assunto deste livro não seja *Homilética*, ou mesmo *Oratória* achamos conveniente abordar aqui o tópico ILUSTRAÇÕES, pois constitui ele um outro recurso de inestimável valor para tornar a comunicação do professor muito mais expressiva.

A palavra ilustrar (do latim illustrare), além do sentido de *esclarecer, clarear, elucidar*, tem também o significado de "servir como exemplo para", "exemplificar"

A importância da ilustração está no fato de que ela torna o ensino mais concreto, aproximando aquilo que está sendo ensinado, da compreensão dos alunos, tornando possível a assimilação de conceitos. Spurgeon compara as ilustrações às janelas de uma casa:

"As janelas tornam uma habitação muito mais aprazível e amena, e assim as ilustrações tornam um sermão agradável e interessante. Um edifício sem janelas seria uma prisão, e não uma casa, pois seria completamente escuro, e ninguém se interessaria em alugá-lo. Do mesmo modo, discurso sem metáfora é insípido e fastidioso, e envolve mortificante enfado da carne." (SPURGEON, C.H., Lições Aos Meus Alunos, vol. 3, pgs. 2,3).

"As ilustrações tendem a animar os ouvintes e a despertar a atenção. As janelas, quando se abrem (que muitas vezes, infelizmente, não é o que se dá em nossos locais de culto) são grande bênção, refrescando e revigorando o auditório comum pouco de ar puro. e acordando os pobres mortais quase adormecidos pela atmosfera estagnante." (SPURGEOX. idem. pg. 4)

As parábolas de Jesus, nos evangelhos, e os provérbios de Salomão. no Antigo Testamento, constituem exemplos notáveis da força que tem as ilustrações, para introduzir verdades no coração humano. Vejamos uma das parábolas do divino Mestre:

"...Eis que o semeador saiu a semear. E quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves, e comeram-na; e outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda; mas vindo o sol, queimou-se, e secou-se, porque não tinha raiz. E outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, e sufocaram-na. E outra caiu em boa terra, e deu fruto: um a cem, outro a sessenta e outro a trinta. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (Mt 13.1-9).

Ninguém, em sã consciência, poderá negar a força da modalidade de comunicar do Senhor Jesus. Ela serve de modelo para todos aqueles que se propõem a ensinar a Palavra de Deus.

Jesus se utilizava de fatos da vida, comuns aos seus ouvintes: "Eis que o semeador saiu a semear..."; e de palavras simples, que faziam parte do universo individual de cada um: *semente, caminho, aves, pedregais, sol, raiz, espinhos e fruto*, etc.

Sem dúvida, isso é uma excelente lição para aqueles que imaginam que, para ensinar, é necessário o emprego de palavras difíceis.

Além da simplicidade, é importante que a ilustração contenha elementos apropriados à aplicação, a qual constitui a parte mais importante, a razão última de se fazer a ilustração. No caso de Jesus (na parábola que acabamos de ver), ainda que na ocasião a aplicação fosse vedada a todo o povo, porque "tinham o coração endurecido" (Mt 13.15), para os seus discípulos, Ele a fez:

"Escutai vós, pois, a parábola do semeador. Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebata o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho; porém o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra, e logo a recebe com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e, chegada a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se ofende; e o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo, e a sedução das riquezas, sufocam a palavra, e fica infrutífera; mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro sessenta, e outro trinta" (Mt 13.18-23).

Fazer a aplicação é, portanto, apresentar o ensino ou parte dele, com base na ilustração.

Quando o professor ilustra a sua aula (com um exemplo, um fato, uma estória, etc.), é como se ele estivesse apresentando um quadro a seus

alunos. A ilustração seria a moldura desse quadro e a aplicação, as suas figuras. Por isso mesmo, é importante que se tenha cuidado, tanto na utilização das ilustrações, quanto na aplicação delas.

Outra recomendação que se faz quanto ao emprego das ilustrações, é em relação ao número. Essa observação se faz necessária, porque existem pessoas que exageram no número de suas ilustrações, com o intuito de tornarem suas aulas mais agradáveis.

O professor da Escola Dominical deve estar consciente de que, se, por um lado, a lição que vai ensinar não deve ser maçante, por outro lado, também não pode ser um mero passatempo.

Concluindo esse tão importante assunto das ilustrações, citamos mais uma vez Spurgeon, esse servo de Deus que se notabilizou pela profundidade de seus ensinamentos e também pela arguta habilidade em ilustrá-los:

"Ilustrem, sim, mas não deixem que o sermão seja todo ele ilustrações, caso em que só será próprio para uma assembléia de simplórios. Um livro se beneficia pelas gravuras da ilustração, mas um álbum de recortes, que é todo composto de figuras, normalmente se destina ao uso de crianças. A nossa casa deve ser construída com a substancial alvenaria da doutrina, sobre os profundos alicerces da inspiração. As suas colunas devem ser de sólido argumento escriturístico, e cada pedra da verdade deve ser cuidadosamente colocada em seu lugar. E depois as janelas devem ser dispostas na ordem devida..." (SPURGEON, C.H Lições Aos Meus Alunos, vol.3, pg. 6)

Que cada professor possa usar com sabedoria as "janelas" das ilustrações em seus ensinamentos. Que elas realmente permitam a luz entrar e iluminar cada aposento. Mas que ninguém venha a ficar ofuscado pelo excesso de claridade.

11
A Maneira de Falar

Quando se menciona o assunto a maneira de falar, ocorre ao pensamento duas coisas distintas: a primeira delas está relacionada com o trato, ou seja, com o grau de polidez ou de educação como qual nos dirigimos, ao falar, a outras pessoas: a segunda tem a ver com a maneira pela qual utilizamos o nosso aparelho fonador, ou seja, com a forma ou o jeito que emitimos os sons e pronunciamos as palavras.

As duas coisas estão estreitamente ligadas com a atividade do ensino, e têm grande importância no desempenho do professor. Por isso, achamos conveniente colocar aqui alguns conselhos úteis ao professor, sob os dois pontos-de-vista.

A. A MANEIRA DE FALAR = GRAU DE POLIDEZ, ETC.

1. Fale de Maneira Gentil

A gentileza é uma qualidade que abre portas e estabelece canais adequados à comunicação. Pessoas que seriam capazes de resistir à fúria de um leão, que têm a fama de "nunca levar desaforos para casa", são literalmente desarmadas por uma palavra gentil.

O professor gentil em pouco tempo ganha o carinho e a afeição de seus alunos, abrindo largo caminho para a sua tarefa de transmitir ensinamentos.

Em benefício da clareza, lembramos aqui que "ser gentil" não implica dizer que o professor deva ser "mole" ou condescendente. Ser gentil significa apenas (segundo entendemos), tratar as pessoas com respeito e amabilidade.

2. Fale de Maneira Firme

O professor não deve ser débil nas suas colocações. Falar de maneira firme é falar com a segurança tranqüila de quem se preparou para ensinar, e o faz de maneira segura e decidida.

Demonstrar firmeza e convicção quando se fala, produz um sentimento de confiança nos alunos, os quais se predispõem, com essa atitude, a aprender com maior interesse.

3. Fale a Iguais

Falar a pessoas iguais significa falar às pessoas, colocando-se no nível delas. Já foi há muito, o tempo em que o professor colocava-se numa posição de "cátedra" e ministrava suas aulas num plano completamente superior, considerando- se "autoridade máxima" no assunto e tratando seus alunos como simples aprendizes.

O professor que consegue desvestir-se dessa "roupagem professora!" e transmitir a lição a seus alunos, dirigindo-se a eles como a amigos e irmãos, em pouco tempo desfrutará do mais alto grau de respeito e consideração.

4. Fale com Moderação

Em Provérbios 10.19, encontramos este sábio conselho: "Na multidão de palavras não falta transgressão, mas o que modera os seus lábios é prudente".

A moderação é uma qualidade que deve ser cultivada em todas as áreas onde o ser humano desenvolve seus papéis. E uma qualidade de valor inestimável no lar, no trabalho, no estudo ou no lazer. Possuir moderação significa também possuir equilíbrio, e daí a sua importância.

Falar com moderação significa não apenas "evitar falar muito", mas também, falar com cuidado, com sensatez, com sobriedade. O professor que fala com moderação será, sem dúvida, muito respeitado, pois saberá evitar os fanatismos e extremismos, que tantas vezes ameaçam comprometer o seu trabalho.

Conforme se vê, a moderação é uma qualidade que o ser humano deve ter dentro de si. Se ele a possuir, automatica¬mente a refletirá através de suas palavras.

5. Fale com o Coração

Aqui está o segredo maior para o êxito de todo aquele que faz uso da palavra, com o objetivo de ensinar pessoas: falar ao coração delas.

O professor pode conhecer métodos, estar profundamente familiarizado com a matéria e ainda assim não realizar bem o seu trabalho, se não tiver amor por aquilo que faz. Se tiver amor, entretanto, este será sentido pelos alunos, pois eles o perceberão em cada palavra do professor. O assunto pode ser árido, difícil, mas os alunos estarão atentos, pois a vibração com que o professor o transmite os motivará a isso.

Professores da Escola Dominical: se quiserem ser bem sucedidos nesta tão nobre missão em que estão engajados, não negligenciem essa questão. Imaginem que os corações têm grandes ouvidos, e falem ao ouvido do coração de seus alunos.

B. A MANEIRA DE FALAR = USO DO APARELHO FONADOR

1. Fale de Maneira Audível

O professor precisa acostumar-se a modular a sua voz, a fim de torná-la audível a todos os alunos. Classes maiores exigirão um volume maior de voz. Classes menores, um volume menor.

Uma boa maneira de se verificar a adequação do volume de voz é perguntar se todos estão ouvindo de maneira confortável, isto é, sem precisar fazer nenhum esforço. E importante lembrar que, falar de maneira audível, não significa falar alto demais, pois isso seria contraproducente e irritaria as pessoas.

2. Fale de Maneira Clara

Falar de maneira clara significa pronunciar bem todas as palavras. Existem pessoas que falam aos arrancos, engolem sílabas ou cometem erros de pronúncia, tais como:

cardeneta, ao invés de caderneta

areoporto, ao invés de aeroporto

mortandela, ao invés de mortadela

salchicha, ao invés de salsicha

oitcho, ao invés de oito

venja, ao invés de veja

espelto, ao invés de esperto

craro, ao invés de claro

zuízo, ao invés de juízo

saldo, ao invés de saúdo, etc.

Tais erros, ainda que em alguns poucos casos sejam devido a defeitos no aparelho fonador, na maioria deles constitui falhas ou vícios de linguagem, os quais podem, com esforço, ser eliminados.

Reiteramos, neste ponto, que o hábito da leitura é um excelente recurso senão o melhor) para a eliminação de tais problema. Neste caso específico, convém fazer exercícios de leitura em voz alta.

3. Fale com Ritmo Adequado

Existem pessoas que falam tão devagar que facilmente há alguém dormindo antes que transcorram cinco minutos. Lembram uma pesada carreta vencendo uma íngreme subida, com a primeira marcha engatada.

Outras, falam num verdadeiro galope, o que torna quase impossível o acompanhamento do raciocínio, por parte dos ouvintes que, desanimados, desistem, distraindo-se com outras coisas.

Lembramos, então, o dito do antigo filósofo que dizia estar à virtude "no meio" das coisas. Os extremos precisam ser evitados. Tanto os que falam de maneira lenta demais, como os que disparam a falar, precisam fazer exercícios de leitura em voz alta, para corrigir o problema. O uso de um gravador será muito útil para essa finalidade.

4. Fale com Ênfase

Falar com ênfase é pronunciar com energia, com vitalidade. Cada palavra possui a sua subida mais forte, que deve ser enfatizada. Do mesmo modo, cada oração possui uma ou mais palavras importantes, que também devem ser enfatizadas, na linguagem falada.

A língua portuguesa é, por natureza, melódica. Por isso mesmo, é importante para o professor aproveitar bem essa característica de nossa língua, visando a obter um melhor efeito, em sua comunicação.

Existem pessoas que falam de maneira tão linear que aquilo que dizem fica quase sem expressão. Para que a comunicação seja expressiva, é preciso variar a voz para cima ou para baixo, conforme a ênfase que cada palavra ou expressão o exigir.

A fim de exemplificar, damos, a seguir, um pequeno exercício. Procure pronunciar cada frase que se segue, esforçando-se por expressar a ênfase nas palavras grafadas em maiúsculas:

1. Eu ABSOLUTAMENTE não desejo isso!

2. Esse tipo de resposta, eu NÃO ADMITO!

3. Era impossível NÃO tê-la ouvido!

4. Pagarei essa dívida ATÉ O ÚLTIMO CENTAVO!

5. DE MANEIRA NENHUMA voltarei lá!

6. Venha JA aqui!

7. Dependo TOTALMENTE desse dinheiro!

8. Se não quiser se atrasar, CORRA!

9. Conheço CADA DETALHE do plano!

10. Irei IMEDIATAMENTE!

Como vimos, falar de maneira audível, com clareza, ritmo adequado e ênfase, contribui de maneira decisiva para a expressividade da comunicação. Trabalhar para conseguir essa habilidade é tarefa de cada professor. Trabalhemos, pois, procurando atingir esse mister, tendo sempre presente a lembrança de que, como já foi referido antes, é grande a diferença entre *o saber e o saber expor*.

Talvez não se consigam melhorias da noite para o dia, mas ninguém precisa desanimar-se com isso, pois as melhores coisas geralmente levam tempo até tornarem-se realidade. Uma pérola leva anos para ser formada, mas quando, afinal, é retirada da ostra, possui o valor e a beleza de uma verdadeira jóia.

12
O Professor e a Motivação de seus Alunos

No nosso dia-a-dia, a palavra motivo tem a significação comum de causa, tanto que podemos substituir uma pela outra, sem prejuízo para o entendimento. Posso dizer tanto.: "O pneu furado foi a causa dele ter chegado atrasado"; como: "O pneu furado foi o motivo dele ter chegado atrasado. Como se percebe, causa e motivo têm a mesma significação.

Em relação ao ensino, é de todo interesse conhecer os motivos, ou, em outras palavras, quais são as motivações que levam as pessoas a se interessarem por aquilo que lhes é ensinado.

Em geral, as pessoas são motivadas por desejos de: segurança; afinidade com outras pessoas; prestígio ou reconhecimento e vivência de novas experiências. E importante para o professor ter consciência desses fatos, pois isso possibilitará a ele empregar incentivos adequados a despertar os motivos de seus alunos, em benefício da aprendizagem.

Quando o professor incentiva, ele, na verdade, se utiliza de uma força exterior, capaz de despertar uma outra força, interior ao indivíduo, e que constitui o motivo. Motivar o ensino é, portanto, relacionar o trabalho escolar com os desejos do aluno; é oferecer a ele determinados incentivos, os quais o levarão a interessar-se pelo estudo.

No ensino secular, a motivação dos alunos tem sido obtida através de fatores tais como: notas, prêmios e castigos, elogios e censura. Experiências realizadas demonstraram, entretanto, que o elogio produz muito mais resultado do que a censura, ao longo do tempo.

Na Escola Dominical, o professor logo descobre que, pequenos elogios tais como: *Ótimo, Excelente, Lindo, Muito bom,* etc., são palavras mágicas que motivam tanto as crianças, como os adultos.

Se, porventura, houver a necessidade de se chamar a atenção de um aluno, ou apontar algum defeito, é bom que se faça isso particularmente e com todo o cuidado que recomenda o amor cristão. Professores que repreendem ou censuram abertamente seus alunos diante dos colegas, frustram frontalmente o seu desejo de aprovação social.

Quanto ao emprego de prêmios e recompensas (e os elogios também aqui estão incluídos), é bom que sejam tomadas certas precauções, conforme mencionamos, a seguir:

1. Não prometer o prêmio ou recompensa apenas para o aluno ou alunos mais adiantados, pois esses são justamente aqueles que não têm tanta necessidade de incentivos. A classe como um todo (e em especial, os alunos mais fracos) devem ser estimulados a obter o prêmio.

2. O prêmio deve ser prometido (e posteriormente concedido) a todo aluno que apresentai' um rendimento superior ao que normalmente apresenta. Essa prática evitará que ele compare o seu rendimento com o dos colegas, fazendo com que tome consciência do seu próprio progresso. A comparação entre pessoas é, sob esse ponto-de-vista, desleal, pois não existe uma pessoa igual a outra.

3. E importante ter presente que, nem as recompensas, nem as punições funcionarão, se o aluno não quiser aprender, em razão de os objetivos do ensino não satisfazerem suas necessidades. Cabe ao professor, portanto, procurar orientar os objetivos no sentido de que eles coincidam com as necessidades do aluno. Caso contrário, nenhum incentivo surtirá efeito.

Uma Motivação muito Importante

Finalizando este capítulo sobre a motivação, é interessante que se diga que, por mais motivada que a pessoa possa estar, sempre ocorrerão períodos de declínio. Isso acontece porque os incentivos, como já foi visto, constituem forças que atuam de fora para dentro sobre o indivíduo, precisando, por essa razão, serem sempre renovados,

O professor da Escola Dominical, todavia, conta com uma importante motivação, e que está dentro do coração da maioria de seus alunos; o desejo de servir a Deus. Esse desejo é uma realidade na vida de

todo o cristão salvo e não constitui obra meramente humana, pois é fruto da ação do Espírito Santo sobre a vida transformada.

Isso nos leva a concluir que, sem prejuízo dos incentivos de que o professor deve lançar mão no sentido de motivar externamente os seus alunos, terá sempre de ORAR por eles, a fim de que a motivação maior de seus corações seja sempre mantida pelo Senhor.

13
Métodos de Exposição

Por Métodos de Exposição não nos referimos aqui a métodos de ensino, mas simplesmente às maneiras de expor verbalmente partes da lição ou a lição como um todo. São em número de três e costumam ser tratados com mais freqüência, quando se estuda a língua escrita. Têm, contudo, grande importância na exposição oral do professor que deles se utiliza, de maneira apropriada. São eles: a DESCRIÇÃO, a NARRAÇÃO e a DISSERTAÇÃO. Vejamos as características de cada um:

1. Descrição

Descrever é representar, através de palavras, de maneira analítica e detalhada, objetos (pessoas ou coisas). A descrição deve caracterizar o ser descrito, de tal maneira a particularizá-lo entre os demais. Quando é bem feita, permite que os ouvintes construam imagens mentais, ou, em outras palavras, visualizem, com nitidez, o que está sendo descrito. Vejamos um exemplo:

"A sala era ampla, de formato retangular. As paredes, branquíssimas, contrastavam com o carpete de cor vermelha. A estante, construída em madeira-de-lei revestida com pouco verniz, estava atulhada de livros de vários tamanhos, dispostos cuidadosamente, um ao lado do outro. Sobre a escrivaninha, da mesma madeira que a estante, sobressaíam: uma estátua da Justiça, em bronze polido; um bloco de papel com algumas palavras manuscritas, e um exemplar da Bíblia, com uma fitinha verde a marcar-lhe as páginas."

2. Narração

Narrar é contar um fato, é expô-lo, da maneira como aconteceu, com mais ou menos detalhes, dependendo das circunstâncias. E o estilo do jornalista, do repórter, que, na notícia, narra o acontecido. Na narração,

além de outras, podem estar implícitas, respostas às seguintes perguntas: Quem? Quando? Como? Onde? Por que?

Reproduzimos, abaixo, um texto que constitui um exemplo de narração:

"O céu à meia noite era iluminado pelo reflexo sombrio das chamas que devoravam vorazmente a casa do pastor Samuel Wesley. Na rua ouviam-se os gritos: "Fogo! Fogo!" Contudo, a família do pastor continuava a dormir tranqüila-mente, até que os escombros ardentes caíram sobre a cama de uma filha, Hetty. A menina acordou sobressaltada e correu para o quarto do pai. Sem poder salvar coisa alguma das chamas, a família foi obrigada a sair casa a fora, vestindo apenas as roupas de dormir, numa temperatura gélida.

"A ama, ao ser despertada pelo alarme, arrebatou a criança menor, Carlos, do berço. Chamou os outros meninos, insistindo que a seguissem, desceu a escada; porém João, que então contava cinco anos e meio, ficou dormindo.

"Três vezes a mãe, Susana Wesley, a qual se achava doente, tentou debalde subir a escada. Duas vezes o pai tentou, em vão, passar pelo meio das chamas, correndo. Sentindo o perigo, ajuntou a família no jardim, onde todos caíram de joelhos e suplicaram a favor da criança presa pelo fogo.

"Enquanto a família orava, João acordou e, depois de tentar descer pela escada, subiu numa mala que estava em frente a uma janela, onde um vizinho o viu em pé. O vizinho chamou outras pessoas e conceberam o plano de um deles subir nos seus ombros, enquanto um terceiro subia nos ombros do segundo, até alcançar a criança. Dessa maneira, João foi salvo dacasaemchamas, apenas instantes antes do teto cair com grande fragor" (BOYER, O., Os Heróis da Fé, pgs. 56,57).

3. Dissertação

Dissertar é discorrer sobre uma idéia, um ponto doutrinário ou um outro assunto qualquer, analisando-o e interpretando-o. Na dissertação, entra em cena, necessariamente, a opinião da pessoa que disserta, a qual, via de regra, visa a uma conscientização ou tomada de decisão de outrem.

No contexto da dissertação, freqüentemente se encontram também a descrição e a narração, que lhe servem de suporte. Constitui o método característico dos comentaristas, pregadores e professores.

Exemplo:

"As atitudes falam mais alto que as palavras. Essa é a grande verdade encerrada nas palavras de Jesus: "...pelos seus frutos os conhecer eis" (Mt 7.20). Quantas bonitas laranjeiras, de galhos bem formados, folhas atrativas e atraentes laranjas, revelam-se enganadoras quando, ao se lhes colherem os frutos, estes se mostram, ou muito azedos, ou ressecados e sem sabor.

"Outras, de aspecto mirrado, galhos miúdos e folhas enferrujadas, escondem laranjas pequenas, que em nada atraem. Quando são provadas, no entanto, revelam abundante suco, que de tão doce, lembra de fato o mel da melhor qualidade.

"Assim também, ensina-nos o bom senso a não nos fiarmos na ostentação de belas palavras, que podem ser tão vazias quanto um tronco oco, se não se fizerem acompanhar de um modo de viver condigno.

"Tenhamos, pois, cuidado, ao sentirmo-nos inclinados a seguir as orientações de alguém. Olhemos para a sua vida, mais do que para as suas palavras; e para suas atitudes, mais do que para as suas pretensões. Lembremo-nos de que o corte afiado e o peso de um bom machado são mais importantes do que a força que o possa impulsionar."

Como vimos, os Métodos de Exposição constituem ferramentas que obrigatoriamente o professor terá de utilizar. É bom, pois, fazê-lo de maneira apropriada. Exemplos não faltarão, pois as próprias páginas da Bíblia estão repletas de descrições, narrações e dissertações.

14
Métodos de Ensino

Já fizemos, por várias vezes, referências à diferença que existe entre o SABER e o SABER EXPOR. Desejamos ampliar a reflexão em torno dessa questão, enfatizando o fato de que a maneira de expor, ou a maneira de apresentar uma aula influi diretamente na aprendizagem que os alunos dela terão, ou não. Em outras palavras: os alunos aprenderão se o professor utilizar métodos de ensino adequados à situação deles, levando em conta, entre outros fatores, sua idade, capacidade de compreensão, grau de envolvimento, tipo de interesses, etc.

Se os métodos de ensino forem utilizados de maneira correta, constituir-se-ão em excelente ferramenta para o benefício da aprendizagem. Métodos de ensino são, pois, formas de se apresentar determinado tópico ou assunto de maneira a tornar o seu aprendizado, ao mesmo tempo, eficiente e agradável.

Escolher o método de ensino mais adequado à determinada situação, após cuidadosa análise, é elegê-lo por se estar consciente de que, naquela situação específica, ele é o que apresenta mais vantagens e menos desvantagens. E algo assim como se ministrar a alguém, um remédio para o fígado. Esses remédios costumam ser demasiadamente amargos para se tomar puros; daí a relutância, por parte de algumas pessoas, em fazer uso deles. Se forem tomados em forma de pílulas, entretanto; ou se forem diluídos em um pouco de água com açúcar, poderão ser ingeridos com muito maior facilidade e com um mínimo de desconforto.

O mesmo acontece em relação à ministração de uma aula. Se o professor não se incomodar em aplicar métodos de ensinos adequados, ela poderá, digamos, ser "ingerida com má vontade" pelos alunos, o que redundará em prejuízo para a aprendizagem.

Entretanto, se ele selecionar cuidadosamente os métodos que irá utilizar, de acordo com o tema da lição e os objetivos a serem atingidos, sua aula será mais atraente, e os alunos a assimilarão com mais naturalidade.

Vejamos, então, alguns *métodos de ensino* que podem ser utilizados. (Existem muitos outros, mas os que descreveremos a seguir são os mais exeqüíveis, consideradas as limitações de tempo, condições de realização e espaço, nas classes da Escola Dominical).

A. Exposição Oral

Também conhecido como *aula expositiva ou preleção*, é o que mais tradicionalmente vem sendo utilizado em escolas de todos os níveis. E o método em que, o professor colocado diante do grupo, expõe oralmente parte da lição ou mesmo a lição inteira, falando ele só o tempo todo, apenas respondendo a algumas perguntas aqui e ali.

É o método mais criticado, mas também o mais utilizado. O êxito ou fracasso no seu emprego dependerá, como não poderia deixar de ser, da habilidade do professor em dele se utilizar, de maneira ponderada. Constitui, também, um excelente *espelho* para refletir as qualidades e os defeitos do professor, enquanto orador.

Vejamos algumas de suas vantagens:

1. Abrange um grande número de pessoas.

2. Permite ao professor organizar mais sua apresentação, expondo maior quantidade de informação, em menor espaço de tempo.

3. Facilita uma apresentação sistemática, na qual podem ser delineadas, com precisão, a introdução, o desenvolvimento e a conclusão, evitando-se, dessa forma, digressões.

4. Possibilita aos alunos desfrutarem do benefício de estar em contato com um bom professor, e dos recursos doutrinários e intelectuais que este dispõe.

5. Pode ser enriquecido com a eloqüência e o entusiasmo do professor, o que cria um clima propício ao ensino.

6. Evidencia o poder da palavra falada e contribui para o desenvolvimento da personalidade do professor junto aos alunos.

Apresenta, no entanto, algumas desvantagens que precisam ser analisadas, as quais enumeramos, a seguir:

1. Exige grande preparo, capacidade e habilidade por parte do professor.

2. Centraliza o ensino na figura do professor, exigindo pouco ou nenhum preparo da lição por parte dos alunos.

3. Não permite que o professor dê atenção especial a todos os alunos, obrigando-o, em alguns casos, a nivelar a aula, por mera suposição.

4. Com grande facilidade, pode se tornar monótono e cansativo.

B. Perguntas e Respostas

Conhecido também como *método catequético*, é largamente utilizado por ensinadores experientes, desde os dias da antigüidade. E um dos métodos mais eficazes, quando conduzido com habilidade. Sua eficácia reside no fato de que as perguntas sempre são desafiadoras. Elas têm o poder de mexer com a motivação dos alunos, levando-os a raciocinar, a confrontar e a pôr em cheque as informações de que dispõem.

A mente, neste caso, não apenas recebe informação, mas a analisa e pondera. Existe todo um processo de reflexão, análise e avaliação que ocorre no cérebro do aluno, enquanto ele recebe a pergunta, medita nas suas implicações e verbaliza a resposta.

Além dessas, vejamos outras vantagens deste método:

1. Ajuda a manter acesa a chama da atenção.

2. Serve como treinamento para o raciocínio dos alunos, levando-os a desenvolver o pensamento analítico.

3. Permite que os alunos tenham participação ativa na aula, de maneira responsável.

4. Auxilia e desenvolve a forma de expressão das idéias.

5. Permite ao professor monitorar a aprendizagem e avaliar a eficácia de sua aula.

6. Pode ser aplicado a todas as idades.

Apresenta também algumas desvantagens, para as quais precisa-se estar atento:

1. Pode levar o aluno a raciocinar na direção errada, se não for utilizado de maneira correta.

2. Alunos mais expansivos podem monopolizar o tempo, prejudicando os mais introvertidos.

3. Pode levar a situações constrangedoras, caso algum aluno, ao dar uma resposta inadequada, for ridicularizado pelos colegas.

Como se vê, o método de *Perguntas e Respostas*, embora eficaz no sentido de contribuir para a efetiva aprendizagem da lição, precisa ser administrado sabiamente, para que surta os efeitos desejados. Enumeramos, a seguir, alguns cuidados que devem ser tomados, para a sua boa utilização:

1. Evite fazer perguntas cujas respostas sejam simplesmente sim ou não. Elas não contribuem para o raciocínio do aluno.

2. Faça uma pergunta de cada vez, dirigindo-se primeiramente à classe como um todo. Se não obtiver a resposta imediatamente, dirija-se a um ou mais alunos, mas sem exigir que responda de imediato. Dê tempo para que os alunos raciocinem.

3. Evite colocar alunos em evidência; dê oportunidade a todos, igualmente.

4. Complemente as respostas, quando necessário. Deixe claro ao aluno, que sua resposta foi compreendida.

5. Dê atenção a todas as respostas e nunca ridicularize respostas incorretas. Trate o aluno com amabilidade e encoraje-o a buscar a resposta correta.

6. Quando sentir que uma resposta adequada está difícil de ser obtida, refaça a pergunta com outras palavras e encoraje o grupo, até que a resposta venha à tona.

7. Tenha especial cuidado com os alunos mais tímidos. Faça-os saber que a participação deles será bem vinda e bem aceita.

C. Discussão ou Debate

O método de discussão ou do debate é aquele em que um assunto ou tópico da lição é colocado para ser discutido entre os membros do grupo. Tem a virtude de mobilizar toda a classe, motivando-a a aprendizagem. Para que funcione a contento, é necessário que haja respeito mútuo entre todos os participantes, uma vez que a discussão deve ser, não uma oportunidade paia se desmerecer os pontos-de-vista alheios, mas, sim, um

esforço conjunto e cooperativo em benefício do aprendizado. Para a sua aplicação, normalmente o professor atua como moderador.

Vantagens do Método:

1. É altamente motivador e permite a participação de todos.

2. Centraliza no grupo o processo de aprendizagem, permitindo que chegue, por si mesmo, às conclusões desejadas.

3. Desenvolve o raciocínio inquiridor e a capacidade para apreciar pontos-de-vista alheios.

4. Sedimenta o ensino, uma vez que não é o professor que concede a resposta da questão, mas o grupo que a obtém, como resultado de seu trabalho.

Desvantagens

1. Se não houver cuidado, os alunos mais desinibidos podem monopolizar a discussão.

2. Pode levar os alunos com menor grau de desinibição ou conhecimento a sentirem-se interiorizados.

3. Devido à natureza da atividade, pode levar a um desvirtuamento dos objetivos, fazendo com que o grupo discuta o que não tem relevância para o propósito da lição.

Conforme se observa, para a aplicação deste método é preciso que se tenha ainda mais precaução do que para o método de Perguntas e Respostas. Se utilizado com equilíbrio, surte resultados altamente compensadores, mas se não for conduzido com habilidade, pode ocasionar situações constrangedoras,

Abaixo, enumeramos algumas recomendações importantes para que o professor tenha êxito na sua aplicação:

1. Antes de iniciar o debate, deixe claro para todos que o objetivo da atividade é o aprendizado, e não simplesmente o confronto de opiniões. Portanto, devem prevalecer o respeito e o amor cristão.

2. Faça esclarecimentos prévios sobre o assunto a ser discutido e sobre o que se espera, em termos de objetivos a serem atingidos com a discussão.

3. Enfatize a necessidade de se ter espírito de tolerância.

4. Saliente a importância de se obter o processo decisório grupal, ou seja, o grupo deve decidir aquilo que é importante ser oferecido como resposta à questão proposta para o debate

D. Estudo de Caso

Este método consiste em se fornecer ao grupo um texto que contenha a narrativa de um fato, que constitui o caso a ser estudado, e que apresente no seu interior pontos ou objetivos que se pretenda que os alunos aprendam. Logo em seguida à narrativa, faz-se uma série de perguntas sobre o texto, com o objetivo de que os alunos sejam levados a estudar o caso nele apresentado. Essas perguntas poderão ser colocadas logo abaixo da narrativa do caso, como perguntas mesmo; ou sob a forma de questões de múltipla escolha.

"Maria é uma moça crente, muito simpática e amiga e trabalha no escritório de uma grande empresa. Todos em sua seção a admiram, com exceção de Suzana, uma colega de trabalho que não gosta de que falem em religião e que não perde uma oportunidade para provocar Maria. Na última quinta-feira, enquanto esperavam a chegada do elevador, Suzana dirigiu palavras ásperas a Maria, na presença de várias pessoas, chamando-a de *santinha* e de *retrógrada.*"

Levando em consideração a exposição acima, escolha, dentre as alternativas que se seguem, aquela que em sua opinião se ajusta melhor à atitude que Maria deveria tomar. Justifique, apoiando-se na Bíblia, sua escolha.

a) Maria deveria ter revidado, respondendo à altura, as provocações de Suzana;

b) Maria deveria limitar-se a sorrir e a ficar calada;

c) Maria deveria, de maneira calma e cordial, solicitar a Suzana que lhe explicasse as razões pelas quais lhe dirigia provocações em público, daquela forma;

d) Nenhuma das anteriores. (Nesse caso, indique a atitude que Maria deveria tomar.)

Como se pode observar, o *Estudo de Caso* normalmente é a simulação de uma situação real, que tem por objetivo levar os alunos a uma

reflexão sobre o caso apresentado, fazendo com que coloquem em prática os conceitos emitidos em sala de aula. Deve, dessa forma, estar sempre amarrado aos objetivos da lição estudada. Após a leitura do exercício, e da escolha devidamente justificada pelo aluno (ou pelo grupo, se for aplicado de maneira coletiva), este deve ter a oportunidade de verbalizar sua opinião.

O professor pode, então, caso ache conveniente, orientar um pequeno debate sobre as proposições apresentadas e *fechar* a atividade, salientando as verdades que a lição ensina, apoiando biblicamente, cada ponto da explicação.

Vantagens do Método:

1. Leva os alunos a refletir, de maneira prática, sobre a aplicação das lições aprendidas, na vida cotidiana.

2. Permite que os alunos confrontem-se com suas próprias atitudes e as comparem com os ensinamentos bíblicos.

3. Permite que as impressões registradas pelo caso funcionem como um catalisador do ensino que fica, dessa forma, sedimentado.

Desvantagens:

1. Requer grande capacidade e habilidade por parte do professor, na maneira de conduzir o exercício.

2. Pode provocar atitudes preconceituosas durante o estudo do caso, se este não for elaborado com cuidado.

Conclusão

Conforme já dissemos anteriormente, além dos que aqui foram colocados, existe uma porção de outros *métodos de ensino*, e mesmo os que estudamos podem ter outras variantes, na forma de sua aplicação. Na verdade, a utilização de *métodos de ensino* está estreitamente relacionada à criatividade do professor. Apesar disso, desejamos ressaltar, aqui, que os métodos não são um fim em si mesmo. Devem, portanto, ser utilizados sempre com o propósito de se atingir os objetivos da lição.

Uma outra advertência que se faz é a de nunca se utilizar apenas um método de ensino. O ideal é utilizar uma combinação de métodos de maneira harmoniosa, para se alcançar êxito no ensino ministrado.

A experiência é algo que vem com o tempo. Quando os professores adquirem experiência na aplicação dos diversos métodos, descobrem também que critério e equilíbrio são elementos fundamentais para que se obtenha sucesso na sua utilização.

OBSERVAÇÃO: Os *métodos de ensino* estudados neste capítulo estão mais indicados para serem empregados entre os jovens e adultos, embora alguns deles, com adaptações, também possam ser utilizados com as crianças. Para elas, no entanto, devem ser utilizados outros métodos, mais adequados à sua idade, tais como o emprego de: HISTÓRIAS (a Bíblia está cheia delas!); MUSICA (corinhos com marchas e gestos); DRAMATIZAÇAO (as crianças e objetos servem como personagens de uma estória); DESENHO (com a utilização de material de pintura), e assim por diante.

O importante é saber que os métodos existem para serem utilizados. O critério e a propriedade no seu emprego, entretanto, é tarefa do bom professor.

15
Recursos Instrucionais

Os recursos instrucionais são os acessórios utilizados pelo professor e funcionam como elementos auxiliares à consecução do ensino. Nas modernas escolas seculares e nos centros de treinamento das grandes empresas, eles podem ser altamente sofisticados. Algumas utilizam, de maneira corriqueira até, videocassetes e microcomputadores, como recursos instrucionais.

Entretanto, nem só esses modernos recursos são eficientes. O nosso velho quadro-de-giz ainda é uma excelente ferramenta, à disposição do professor. Ao lado dele, retrogretores projetores de slides, álbuns-seriados (ou cavaletes), mapas, figuras, etc., e até as apostilas, constituem ótimos recursos instrucionais.

No âmbito da Escola Dominical, em função das limitadas condições de espaço, e até mesmo de dinheiro, o mais usual é mesmo a utilização da revista, do quadro-de-giz, de mapas e do flanelógrafo (este último, principalmente com as crianças). E, de maneira toda especial, a utilização da Bíblia, a nossa preciosa Palavra de Deus, cujo estudo é a razão e a finalidade da existência da Escola Dominical.

Os recursos, todavia, não podem ser usados a qualquer momento, sem critério, conforme indicar a vontade do professor. Seu emprego deve estar em consonância com os OBJETIVOS a serem atingidos e com o MÉTODO ou MÉTODOS DE ENSINO a serem utilizados.

Para que isso fique mais claro, é necessário que o professor, ao planejar a sua aula, o faça procurando responder às três perguntas que se seguem:

1. O que Pretendo Ensinar?

Dentro do contexto que estamos tratando, a resposta ou respostas a essa pergunta deverão levar o professor a estabelecer o alvo que pretende alcançar com o ensino que tem em mente. Ao fazer isso, ele estará, como conseqüência, fixando os OBJETIVOS que pretende atingir. Suponha, por

exemplo, que ele vá ensinar uma lição concernente ao estudo dos anjos. Entre outros, poderia formular os seguintes objetivos de ensino:

OS ALUNOS DEVERÃO, AO FINAL DA AULA, SER CAPAZES DE:

a) Identificar a natureza dos anjos.

b) Identificar as diversas categorias de anjos.

c) Discriminar o ofício dos anjos.

d) Identificar as diversas maneiras através das quais os anjos atuam([1]).

2. Como vou Ensinar?

Como resposta a essa pergunta, o professor selecionará o MÉTODO ou os MÉTODOS DE ENSINO mais adequados para o alcance dos objetivos propostos.

Ainda considerando o exemplo dos anjos, ao analisar os objetivos, o professor poderá chegar à conclusão de que, nos dois primeiros, (*a* e *b*), utilizará o método da exposição oral; no terceiro (*c*), utilizará o método de perguntas e respostas, e no último (*d*), utilizará o método da discussão ou debate.

3. O que vou Utilizar?

Essa pergunta, finalmente, levará o professor a selecionar os recursos instrucionais que julgar mais adequados a cada objetivo e método de ensino escolhido. No caso da aula sobre anjos, ele poderá julgar conveniente utilizar como recursos:

a. para o método de exposição oral, o álbum seriado;

b. para o método de perguntas e respostas, o quadro-de-giz;

c. para o método de discussão ou debate, uma apostila.

Conforme se observa, uma coisa está ligada à outra. A escolha do RECURSO a ser empregado depende do MÉTODO DE ENSINO selecionado e a seleção do método, por sua vez, depende do OBJETIVO a ser atingido.

No nosso exemplo, poderíamos resumir o planejamento da aula através do seguinte quadro:

OBJETIVO	MÉTODO DE ENSINO	RECURSO INSTRUCIONAL
Identificar a natureza dos anjos	Exposição Oral	Álbum-Seriado
Identificar as diversas categorias de anjos	Exposição Oral	Álbum-Seriado
Discriminar o ofício dos anjos	Perguntas e Respostas	Quadro-de-giz
Identificar as diversas maneiras que os anjos atuam	Discussão ou Debate	Apostila

Conclusão

Para abordarmos o assunto RECURSOS INSTRUCIONAIS, tratado neste capítulo, oferecemos também uma visão, ainda que bastante limitada, do que vem a ser o planejamento de uma aula. Cremos, porém, que tal visão é o suficiente para demonstrar que uma aula não pode ser ministrada de qualquer maneira.

É preciso que cada professor, que porventura desconsidera tal realidade, reformule urgentemente seu ponto-de-vista e planeje suas atividades de ensino. Com isso, ganharão o próprio professor, os alunos, a Escola Dominical e o Reino de Deus será engrandecido.

([1]) Em relação à formulação de objetivos instrucionais, não seguimos aqui, em razão do propósito que temos em mente e em razão da própria natureza do assunto, as recomendações de Mager (MAGER, R. F., A Preparação de Objetivos instrucionais), segundo as quais os objetivos devem ter descrições de comportamento, condições e critérios.

16
Ajustando o Ensino à Idade do Aluno

Já tivemos oportunidade de mencionar, no capítulo referente ao processo de comunicação, que o professor é a pessoa responsável em estabelecer o nível de sua comunicação, levando em conta o receptor. Tivemos a oportunidade de afirmar que é o receptor quem determina o nível da mensagem. Desejamos agora enfatizar que isso é particularmente verdadeiro no que se refere à idade (faixa etária) dos alunos.

O ser humano tem seus gostos e inclinações diferenciados, de acordo com sua faixa de idade. A medida em que vai ficando mais velho, esses gostos e inclinações também vão amadurecendo. Podemos ilustrar isso pela simples maneira de se carregar um agasalho que foi retirado do corpo, num dia inicialmente frio, que esquentou com o aparecimento do sol:

Um garoto, ao voltar da escola, provavelmente amarrará o agasalho ao redor da cintura e seguirá o seu caminho, completamente alheio a idéias de estética ou beleza; um jovem de 18 ou 20 anos, já mais consciente desses valores, tenderá a colocar o agasalho caído sobre as costas, com as mangas cobrindo os ombros de ambos os lados, e os punhos caídos em direção ao peito e barriga. Já um homem de 35 ou 40 anos tenderá a carregar o agasalho, mais arrumado, em apenas um dos ombros. E finalmente, um velho de 60 anos ou mais, com boa dose de probabilidade, carregará o agasalho, cuidadosamente dobrado, dependurado em um dos braços colocado à altura do peito, à maneira dos garçons,

Embora essa ilustração do agasalho refira-se a algo por demais corriqueiro e de diminuta proporção de importância, ela evidencia um fato que é uma realidade, ou seja: o ser humano REALMENTE muda, com o passar do tempo. Essa constatação é de suma importância no âmbito da Escola Dominical, pois as aulas deverão ser orientadas de acordo com as peculiaridades de cada faixa etária.

A fim de que cada professor tenha uma idéia das características comuns às diversas etapas do desenvolvimento humano, e de como se orientar em relação a elas, colocamos, a seguir, de maneira resumida, essas características, bem como a recomendações pertinentes a cada etapa.

BERÇÁRIO (2-3 ANOS)

Características Físicas

Rápido crescimento. Os sentidos físicos estão em pleno funcionamento. Gostam de ver, tocar e ouvir. Apreciam barulho, principalmente os ritmados. Grande atividade e cansaço rápido.

Recomendações ao Professor

Enriquecer o ensino com ilustrações; utilizar muita cor. Propiciar situações que permitam mudanças de atividades. Fornecer material que possa ser manuseado. Utilizar hinos e corinhos com rima e com bastante ritmo.

Características Mentais

Aquisição da linguagem, com vocabulário limitado. Nos desenhos, fase das garatujas. Aprendizado a partir de coisas concretas, que podem ser vistas, tocadas e percebidas. Imaginação fértil e muita curiosidade. Diminuto período de atenção (3 minutos).

Recomendações ao Professor

Permitir que se expressem por palavras e através do desenho. Propiciar condições para que possam tocar e sentir. Utilizar estórias nas quais possam participar como personagens. Variar bastante as atividades, aproveitando os curtos períodos de atenção.

Características Sociais

Período narcisista. A criança é egoísta e o centro de seu próprio mundo. É captativa (quer tudo para si). Brincam sozinhas ou em grupo de 2 componentes. São afetuosas e carentes de amor. Apresentam sentimentos de raiva e de frustração. Gostam de música e aprendem a imitar.

Recomendações ao Professor

Estimular a formação de hábitos, como a oração, obediência e compartilhamento. Ensinar a prática do amor cristão. Demonstrar esse amor nas atitudes, perante as crianças.

PRÉ-ESCOLARES (4-5 ANOS)

Características Físicas

Rápido crescimento e desenvolvimento muscular. Certa debilidade ainda na coordenação dos movimentos; muita atividade física, apesar disso. Boa dose de agressividade. Cansaço fácil.

Recomendações ao Professor

Estimular atividades em que haja movimentação. Permitir que aprendam fazendo. Variar as técnicas de ensino.

Características Mentais

Ainda muita inquietação e curiosidade. No desenho, passam pela fase esquemática. Vocabulário aumentado, mas ainda limitado. Grande imaginação e muita fantasia.

Recomendações ao Professor

Satisfazer a curiosidade, dando atenção às perguntas que fizerem. Estimular a criatividade através de atividades que requeiram o uso da imaginação. Utilizar palavras concretas e de fácil compreensão. Exemplificar com estórias. Dramatizar as narrações.

Características Emocionais

Maravilham-se facilmente com pequenas coisas. Sentem medo de ameaças imaginárias. São grandemente influenciáveis pelo meio ambiente e ressentem-se quando ele é hostil. São dependentes e necessitam de afeto, carinho e segurança. Precisam de compreensão.

Recomendações ao Professor

Propiciar situações nas quais as crianças sintam-se seguras. Dar atenção individual e procurar compreender as naturais inquietações que apresentam. Falar com voz calma e diversificar as atividades. Tornar o ambiente propício à confiança.

Características Espirituais

Credulidade. Crêem em tudo o que lhes é dito. Enxergam a Deus como um pai amoroso, vivo e real. Têm carinho pela Bíblia e oram com naturalidade, contando todas as suas preocupações a Deus. Têm fé genuína.

Recomendações ao Professor

Permitir que orem e que falem com Deus. Ensinar como fazê-lo. Ensinar a gratidão e falar sobre o grande amor de Deus. Propiciar ambiente adequado para que sintam essa realidade.

Características Sociais

Predomínio ainda do egocentrismo e da imitação. Gostam de exibir "façanhas" com o objetivo de obter aprovação. São carinhosos, espontâneos e amistosos, quando as condições são propícias.

Recomendações ao Professor

Demonstrar afeto e amizade. Ensinar as virtudes do ato de compartilhar. Incentivar a prática do amor cristão. Ter consciência da necessidade de um bom testemunho e um bom exemplo perante as crianças.

Características Emocionais

São excitáveis e sentem-se ameaçadas com facilidade por temores infundados. Ainda muito dependentes.

Recomendações ao Professor

Fazer com que se sintam amadas e seguras. Compreender suas inquietações. Falar sobre a bondade e o amor de Deus. Permitir que expressem seus sentimentos e ensiná-las a canalizá-los adequadamente.

Características Espirituais

São sinceras no relacionamento com Deus, que para elas é o papai do Céu. Amam-no e confiam nele de todo o coração. Distinguem o certo e o errado. Têm desejo de fazer o que é certo. Sua fé é genuína.

Recomendações ao Professor

Ensinar o relacionamento com Deus através da oração. Propiciar oportunidade para louvor e adoração. Salientar as atitudes corretas e

enfatizar a aprovação de Deus por elas. Manifestar sentimentos de reconhecimento pelas suas boas ações.

PRIMÁRIOS (6-8 ANOS)

Características Físicas

O crescimento é mais lento e a criança é ativa; às vezes, impaciente. O egoísmo está diminuído. Surgem as atividades de grupo. Há muita energia que requer diversificação de atividades para preenchimento do tempo.

Recomendações ao Professor

Ensinar a paciência e a tolerância. Propiciar atividades variadas que envolvam o grupo todo. Cuidar para que essas atividades sejam bem orientadas. Promover oportunidades para a livre expressão.

Características Mentais

Muita curiosidade e imaginação. Impaciência acentuada. Grande facilidade para a memorização. Raciocínio concreto. Distinção entre realidade e fantasia. Desenvolvimento do senso de observação. Período curto de atenção. Desenho caracterizado pela transparência e desproporção.

Recomendações ao Professor

Enriquecer o ensino com os fatos e histórias bíblicos. Certificar-se de que a criança está entendendo o que memoriza. Estimular a imaginação, mas cuidar para que fiquem claras as diferenças entre o real e o imaginário. Estimular o raciocínio e a reflexão. Utilizar palavras simples e de significados conhecidos. Empregar ilustrações e recursos audiovisuais.

Características Sociais

Prevalência ainda de atividades individuais, mas também gosto pelas atividades de grupo, que são maiores e composto de elementos do mesmo sexo. Desenvolvimento de um maior auto-controle. Podem disfarçar sentimentos, diante de situações críticas. Imitação.

Recomendações ao Professor

Ensinar a cooperação e a colaboração. Promover atividades de grupo e oportunidades de valorização. Incentivar a livre-expressão e o compartilhamento.

Características Emocionais

Excitabilidade e impaciência. Necessidade de apoio e segurança. Busca de aprovação. Grande sensibilidade. Magoam-se facilmente.

Recomendações ao Professor

Ensinar a confiança em Deus e a paciência. Agir com tranqüilidade e naturalidade. Promover atividades de recreação. Elogiar com sinceridade. Demonstrar senso de compreensão.

Características Espirituais

Fé verdadeira. Confiam sem questionar. São espiritualmente sensíveis e podem ser grandemente prejudicadas, se sofrerem decepções. Desenvolvimento da percepção dos valores. Vêem a Deus como forte e amoroso.

Recomendações ao Professor

Propiciar condições para a oração e o louvor. Ensinar a obediência a Cristo. Ter consciência de que as crianças estão aprendendo com o exemplo de vida do professor. Incentivá-las a experimentar a graça e o amor de Jesus. Apresentar Deus como o Grande Amigo.

INTERMEDIÁRIOS (9-11 ANOS)

Características Físicas

Crescimento lento. Muita atividade. Espírito investigativo; disposição para fazer. Gostos por coisas arriscadas e pela competição. Muita energia e quase ausência da fadiga. Instinto de coleção.

Recomendações ao Professor

Procurar diversificar as atividades ao máximo. Incentivar atividades ao ar livre. Permitir a participação de todos na aula. Permitir que façam as tarefas.

Características Mentais

Gosto pela leitura, memória viva, aumento da capacidade de concentração e ânsia pelo saber. Muitas perguntas. Quanto ao desenvolvimento gráfico, começam a criticar os próprios desenhos. Início das dúvidas. Querem saber a razão das coisas.

Recomendações ao Professor

Proporcionar atividades de leitura. Selecionar boa literatura. Incentivar o gosto pela leitura da Bíblia. Certificar-se de que entendem o que lêem e o que decoram. Raciocinar com elas; ativar-lhes a memória. Dirimir suas dúvidas com paciência e carinho. Tenha consciência de que estão o tempo todo aprendendo com o exemplo e com as atitudes do professor.

Características Sociais

Formação dos clubes. Interesse pelas atividades de grupo. Sentimento do que é justo. Consciência da posição social dentro da classe. Desejo de ter cartaz entre os colegas e junto ao professor. Lealdade.

Recomendações ao Professor

As classes devem ser separadas, pois os interesses dos meninos são diferentes dos interesses das meninas. Promover atividades que despertem o sentimento de grupo. Educá-los para o reconhecimento das boas ações e do bom relacionamento para com o próximo. Tratá-los com tato para não ferir seu desejo de aprovação social. Usar de muita simpatia nessa fase, especialmente.

Características Emocionais

Têm menos temores, mas aprendem também a disfarçar o medo, a conter a cólera, a reprimir o choro e a controlar suas alegrias. Às vezes, demonstram confusão de sentimentos. Não apreciam manifestações efusivas de afeição. Gostam de divertir-se com tudo. Fazem brincadeiras, com facilidade.

Auxiliá-los a controlar seu gênio, incentivá-los a não terem receio de mostrar seus sentimentos. Procurar ser um líder democrático. Propiciar situações nas quais eles se sintam amados. Contar histórias de heróis.

Características Espirituais

Idade propícia para serem conduzidos a Cristo, se ainda não são crentes. Têm fé genuína e simples. Amam a Jesus como Salvador, Herói e Amigo. Possuem padrões elevados e preocupam-se com os seus semelhantes.

Recomendações ao Professor

Determinar alvos para o estudo da Bíblia. Incentivar a solidariedade e enfatizar a importância de se viver uma vida plena, com a ajuda de Deus. Guiá-los a Cristo e ensinar a confiança em suas promessas. Apresentar Deus como o Grande Amigo.

PRÉ-ADOLESCENTES (12-14 ANOS)

Características Físicas

Nova fase de rápido crescimento. Época de grandes mudanças físicas e mentais. Problemas de pele e mudança no timbre de voz. Explosões de energia alternadas com períodos de cansaço. Consciência do corpo e do sexo.

Recomendações ao Professor

Proporcionar oportunidades para desfrutarem de uma visão cristã sobre os fatos da vida. Estimular a oração constante a Deus e a firme confiança em suas promessas, para controle e equilíbrio. Promover discussões e atividades nas quais possam participar ativamente.

Características Mentais

Raciocínio inquiridor, aparecimento dos devaneios. Ansiedade controlada, na busca de respostas. Surgimento da razão e também das dúvidas. Rebeldia e questionamentos.

Recomendações ao Professor

Incentivar o compartilhamento dos sentimentos. Ressaltar o cuidado que se precisa ter para com as opiniões e os valores das pessoas, antes de aceitá-los. Estabelecer alvos e confiar a eles responsabilidades para o seu atingimento. Procurar ser um líder do tipo pedagogo, que justifica as ordens e as orientações transmitidas.

Características Sociais

Aumento do sentimento de grupo; formação das turminhas. Companheirismo. Desejo de independência. Desejo de variedades e de emoções intensas. Apare-cimento de forte sentimento de justiça e lealdade. Gosto por caçoar e fazer troça.

Recomendações ao Professor

Organizar atividades com o grupo todo. Estimulara participação e a cooperação. Exteriorizar comportamentos que expressem o reconhecimento pelas necessidades deles. Estimular a oração e a prática da Palavra de Deus.

Características Emocionais

Instabilidade emocional. Alternância de períodos de grandes alegrias com períodos de grande abatimento. Época dos devaneios e das tempestades em copo d'água. Rebeldia, ânsia por liberdade e mau humor. Surgem os confidentes, normalmente do mesmo sexo e de idade aproximada.

Recomendações ao Professor

Demonstrar compreensão, firmeza e amabilidade. Levá-los à dependência de Deus, em suas necessidades. Procurar conscientizá-los a ser moderados e a desenvolver a paciência. Tratá-los com carinho e tato.

Características Espirituais

Época crucial. Necessidade de apoio e orientação. Surgimento de dúvidas e aumento da sensibilidade para com as coisas espirituais. Caso ainda não sejam crentes, época propícia à conversão.

Recomendações ao Professor

Apoiá-los e orientá-los no desenvolvimento de atividades cristãs apropriadas para jovens. Incentivá-los a tomar parte ativa no culto. Levá-los a buscar a orientação de Deus e a depender do auxílio do Espírito Santo na solução de seus problemas. Procurar ser amigo e conselheiro. Deus deve ser apresentado como o verdadeiro alvo.

ADOLESCENTES (15-17 ANOS)

Características Físicas

Maturação. Término da fase desajeitada. Períodos de grande atividade alternados com outros de muito sono.

Recomendações ao Professor

Levá-los a depender de Cristo como um verdadeiro auxílio na execução de suas tarefas e responsabilidades. Ensinar princípios cristãos para a auto-compreensão e para a compreensão das demais pessoas.

Características Mentais

Raciocínio inquiridor, idealismo, criatividade. Surgimento do senso de independência. Questionamento das idéias dos adultos.

Recomendações ao Professor

Propiciar oportunidades para que façam. Levá-los a desenvolver a capacidade de enxergar todos os ângulos dos problemas. Promover discussões. Aceitar os seus pontos-de-vista e corrigi-los com cuidado, se necessário. Conferir-lhes responsabilidade e auxiliá-los em sua execução.

Características Sociais

Impulsos de independência. Atração pelo sexo oposto; problemas com namoro. Insurgem-se contra a autoridade. Formação dos chamados grupos congeniais (grupos de jovens que têm algum tipo de afinidade e que os leva a se reunir).

Recomendações ao Professor

Propiciar oportunidades para associações sadias. Estabelecer o ensino com base em princípios bíblicos, próprios para a idade. Procurar exercer uma liderança do tipo apóstolo, inspirando nos jovens o desejo de realizar as ações ensinadas.

Características Emocionais

Surgimento do romantismo. Fase de muito devaneio. Instabilidade emocional. Busca de afirmação e forte desejo de aprovação social.

Recomendações ao Professor

Fazer com que se sintam aceitos e compreendidos. Proporcionar oportunidades para discussão de seus problemas. Ajudá-los e incentivá-los a depender da ajuda de Deus. Aconselhá- los com amor cristão. Evitar críticas.

Características Espirituais

Fase das dúvidas e dos questionamentos mais intensos. Busca de segurança e da compreensão racional dos fatos. A fé é colocada em dúvida. A cosmovisão é ampliada. Uma vez vencido o conflito, apresentam grande capacidade de uma intensa vida cristã e desenvolvem, com grande ênfase, o testemunho cristão.

Recomendações ao Professor

Procurar ser um modelo e exemplo com a própria vida. Ensinar mais com as atitudes do que com as palavras. Levá-los a experimentar um Cristianismo verdadeiro, que vai além das palavras. Levá-los a compreender que a Bíblia é a verdadeira Palavra de Deus e que Cristo é real. Enfatizar o exemplo proporcionado pela vida dos jovens da Bíblia. Desenvolver oportunidades para o evangelismo e serviço cristão.

JOVENS (18-24 ANOS)

Características Físicas

O desenvolvimento físico atinge o ápice. Energia física e mental canalizadas para as realizações.

Recomendações ao Professor

Propiciar oportunidades para o serviço cristão. Despertar o interesse para que se tornem cooperadores da obra de Deus.

Características Mentais

Imaginação construtiva, independência intelectual, capacidade de raciocínio; paixões por ideais. Época de grandes decisões. Capacidade para assumir responsabilidades.

Recomendações ao Professor

Levá-los ao descobrimento do plano de Deus para as suas vidas. Incentivá-los na busca de seus ideais. Promover o aprofundamento dos estudos bíblicos. Auxiliá-los no processo de aprendizagem para a vida e na tomada de decisões. Conviver com eles em verdadeiro sentimento de igualdade.

Características Sociais

Definição do modo de vida. Aprofundamento e ampliação das relações. Busca do companheiro para a vida. Época do noivado, casamento. Experiência da paternidade e maternidade. Compromissos com novas responsabilidades e exigências da vida.

Recomendações ao Professor

Promover oportunidades para a ampliação do relacionamento de amizade entre os jovens casais. Incentivar o serviço cristão e a dedicação à obra. Atuar como conselheiro cuidadoso, na ajuda perante os novos encargos da vida.

Características Emocionais

Sentimentos plenamente desenvolvidos. Estabilidade emocional. Perspectivas otimistas para a vida. Interesse no casamento, amor e sexo.

Recomendações ao Professor

Todo o cuidado em promover instrução religiosa sobre o relacionamento conjugal, o lar e a educação dos filhos. O professor deve estar à altura de promover esse tipo de orientação. Caso contrário, encaminhá-los aos cuidados do pastor ou de pessoa de princípios cristãos, reconhecidamente capaz

Características Espirituais

Convicções firmes. Padrões de vida já estabelecidos. Capacidade para grande avanço na vida espiritual. Desejo de envolvimento em projetos e campanhas da igreja. Experiência, como resultado de provas, próprias desta fase.

Recomendações ao Professor

Promova assistência e orientação para seu aproveitamento na obra. Incentive-os na busca de uma vida espiritual plena e cheia de frutos. Propiciar condições e ensino, a fim de que adquiram uma visão da vida e do mundo, de uma perspectiva cristã. Levá-los a desenvolver uma fé firme e a colocar em prática a Palavra de Deus.

ADULTOS (25 ANOS EM DIANTE)

Características Emocionais

Época de maturidade e de realização em todos os aspectos (físico, mental, social, emocional e espiritual). Grande experiência e capacidade de discernimento. Grande senso de responsabilidade, estabilidade nos relacionamentos, desenvolvimento da ambição. Sentido de vida definido. Aprendizado levado a sério.

Recomendações ao Professor

Promover oportunidades para o desenvolvimento do serviço cristão. Conferir- lhes responsabilidades para com o aprendizado e para com as metas de estudo. Promover estudos bíblicos a nível aprofundado. Enfatizar a Bíblia, como verdadeiro guia para a vida.

Conclusão

Ao concluirmos este capítulo, achamos importante lembrar que, por mais bem elaborados que sejamos estudos sobre as características dos alunos, nas diversas etapas de desenvolvimento, sempre haverá exceções. Haverá crianças de sete anos que terão a maturidade de uma criança de dez, ou vice-versa; haverá jovens de 18 anos com a maturidade de um de 25. Haverá velhos de cabelos embranquecidos pelo tempo que demonstrarão ainda o viço da juventude, e assim por diante.

Deus dotou os seres humanos de características diferentes uns dos outros. Essas características são desenvolvidas, levando-se em conta fatores como a hereditariedade, a educação e o meio ambiente. Cada ser humano é único, diante de seu Criador, e merece o respeito de seus semelhantes. A tarefa do educador é, por essa razão, de maior responsabilidade ainda.

O professor deve estar apto a ensinar seus alunos, tanto de maneira coletiva, como individualmente. Faz parte de seu trabalho ensiná-los não apenas pela idade que aparentam, mas, principalmente, pela idade que realmente têm. Estude, portanto, as diversas características relativas a cada idade, mas leve em conta, primeiramente, a pessoa.

17
Convite à Reflexão

Dirigimo-nos, neste pequeno trabalho, aos nossos queridos irmãos, professores da Escola Dominical, e abordamos, de maneira sucinta, tópicos que consideramos importantes para auxiliar o seu desempenho. Não nos motivou outra intenção senão a de oferecer, embora modestamente, uma contribuição que os auxilie nessa difícil, porém nobre missão de ensinar a Palavra de Deus.

Reunimos e apresentamos, de maneira simples, itens pertinentes a assuntos de diversas áreas, as quais, de alguma forma, guardam alguma relação com a comunicação humana. Sempre com o propósito de contribuir, de acrescentar.

Não tivemos intenção de escrever um pequeno *manual de pedagogia*. Mesmo assim, consideramos de todo o interesse refletir um pouco aqui sobre o *papel do educador*, com o objetivo de que cada professor possa fazer uma auto-análise de seu próprio trabalho.

Se pesquisarmos um pouquinho a respeito desse *papel do educador*, veremos que ele varia de acordo com a linha teórica esposada por cada autor.

Para uns, o educador deve ser um *modelo de competência* e *incentivador da aprendizagem*; para outros, um *consultor* e *organizador de situações*; para outros, um *controlador da aprendizagem e manipula dor de comportamentos*; e ainda, para outros, um *facilitador da aprendizagem e estimulador da socialização*.

Colocamos todas essas características, para que tenhamos condições de responder à pergunta: QUE TIPO DE EDUCADOR TENHO SIDO EU, ENQUANTO PROFESSOR DA ESCOLA DOMINICAL?

Um modelo de competência? Um consultor? Um manipulador de comportamentos? Um facilitador da aprendizagem? E assim por diante. A resposta poderá ser: Nenhum; ou, As vezes, um; às vezes, outro; ou, Um pouco de cada coisa.

Mais importante do que a resposta que possamos dar à pergunta, é a reflexão que fazemos, enquanto a procuramos. E da reflexão que nasce a consciência, e quando estamos conscientes, concedemos a cada coisa o valor que ela realmente tem. E, como falamos de consciência, é importante, então, que cada um de nós se conscientize de que educar, ou ensinar na Escola Dominical, longe de ser tarefa de somenos importância, é uma missão. Uma importante missão que Deus colocou em nossas mãos.

E, para cumpri-la, temos que afiar as nossas ferramentas; temos que, a exemplo de Eliseu, fazer o nosso ferro flutuar. Nesse particular, que soe no coração de cada professor, a pergunta uma vez dirigida a Moisés: "Que é isso na tua mão?..." (Êx 4.2).

Podemos não ter uma formação acadêmica, conhecimen¬tos aprofundados, como gostaríamos de possuir. Talvez não nos sintamos um trabalhador de cinco talentos, nem tampouco de dois, mas devemos trabalhar com esse UM que Deus nos colocou nas mãos. Jamais enterrá-lo.

E ainda que nos falte tudo o mais, temos nas mãos a preciosa Palavra de Deus. Não esperemos ter condições ideais para ensiná-la. Simplesmente a ensinemos, com a graça que Deus nos der.

Não há templos bonitos e salas de aula confortável como gostaríamos?

Nosso Mestre ensinava num barquinho emprestado. ~ borda de um poço, à beira-mar, ao ar livre da montanha, na casa de um discípulo, no templo, na sinagoga, ou, simplesmente, enquanto caminhava pelas estradas poeirentas da Palestina.

É Ele o nosso EXEMPLO MAIOR, como o foi de Paulo, que disse: "Sede meus imitadores, como também eu de Cristo" (1 Co 11.1); é Ele o nosso Modelo de Educador e sua Palavra a nossa Linha Teórica.

Ensinemos essa bendita Palavra com a graça que Ele nos der. E nunca negligenciemos a oportunidade de nos adestrar¬mos para essa tão sublime missão. Lembremos de que sempre é tempo de enchermos as talhas e tirarmos as pedras.

O milagre, sem dúvida alguma, Ele fará.

Bibliografia

ALVIM, Décio Ferraz, *Nobre Arte de Falar em Público e Desenvolvimento Pessoal*, Saraiva, São Paulo, SP, 1959

BARROS, Célia Silva Guimarães, *Pontos de Psicologia*, 8a ed., Nobel, São Paulo, SP, 1972

BOYER, Orlando, *Heróis da Fé*, 5a ed. vol. 1, 5a ed., O.S. Boyer, Rio de Janeiro, RJ, 1964

GARCIA, Othon M., *Comunicação em Prosa Moderna*, 10a ed., Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 1982

GILBERTO, Antonio, *Manual da Escola Dominical*, 6ª ed., CPAD, Rio de Janeiro, RJ, 1983

HOLANDA, Aurélio Buarque de, *Novo Dicionário Aurélio*, 1ª ed., 12a impressão, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ

LEROY, Maurice, *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna*, 2a ed., Cultrix, São Paulo, SP, 1971

MARTIN, William, *Primeiros Passos para Professores*, 2ª ed., VIDA, São Paulo, SP, 1987

PENTEADO, J.R. Whitaker, *A Técnica da Comunicação Humana*, 8a ed., Pioneira, São Paulo, SP, 1982

POLITO. Remaldo. *Como Falar Corretamente e sem inibições*, 1ª ed., Saraiva, São Paulo, SP, 1986

PRICE, J. M., A Pedagogia de Jesus, 4a ed., JUERP, Janeiro, RJ, 1983

SILVA, Plínio Moreira da, *Homilética, a Arte de Pregar o Evangelho*, 2ª ed., ABECAR, Mogi das Cruzes,

SPURGEON, C.H., *Lições aos meus Alunos*, Vol. 1, cações Evangélicas Selecionadas, São Paulo, SP,

SPURGEON, C.H., *Lições aos meus Alunos*, Vol. 3, cações Evangélicas Selecionadas, São Paulo, SP,

TELFORD, Charles W. & SAWREY, James M., *Psicologia - Uma Introdução aos Princípios Fundamenta Comportamento*, 2a ed., Cultrix, São Paulo, SP, 1

WHEELER, Alan H. & FOX, Wayne L., *Manipulação de Comportamento*, 2ª reimpr., EDUSP, São Paulo, SP, 1974.